

DIÁRIO
DE NATAL



EDUCAÇÃO



NATAL, DOMINGO, 30 DE ABRIL DE 2006 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



Museus do RN

II - Natal e Interior

Arquivo/DN



Um mês após publicar o caderno especial Museus do RN - Seridó, o DN Educação/Projeto Ler encerra com essa edição a série de reportagens sobre os museus do interior do Estado e de Natal. A publicação ocorre dentro das comemorações do Ano Internacional do Museu e tem por objetivo mostrar que, no Rio Grande do Norte, a cultura é uma de suas principais riquezas. Assim como o petróleo e o turismo, a cultura aflora em nossas terras, em nossos costumes, no dia-a-dia do nosso povo, seja no campo ou na cidade. Apesar de sermos um dos menores estados da Federação, é bom lembrarmos que aqui existem, oficialmente, mais de 40 museus e fomos o segundo estado a criar uma política museológica que tem sido prioridade para o atual Governo do Estado, sob o comando da professora Wilma de Faria. E a Semana do Museu Potiguar é a grande prova disso. Mas falta ainda uma política integrada com o Poder Público, envolvendo escolas, universidades e Terceiro Setor, enfim com a sociedade. Quem sabe assim teremos museus realmente vivos, influenciando no cotidiano e não mais ouviremos alguém dizer que museu é só coisa de passado, mas principalmente, um tesouro para as futuras gerações.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Geral:
Albimar Furtado
Diretor de Redação:
Osair Vasconcelos
Promoções e Projetos Especiais
Afonso Laurentino Ramos
Editor do DN Educação:
Francisco Francerle
Reportagens
Francisco Francerle, Adriana Amorim,
Marcelo Barreto e Marina Leiros
Fotografias
D'Luca, Frankie Marccone, Marcelo Barreto e
Marina Leiros
Foto capa - Forte dos Reis Magos
Frankie Marccone
Programação visual e diagramação
Silvana Belkiss
Telefone: 4009.0191/0190
francerle@diariodenatal.com.br

RESULTADOS

Foto Marcelo Barreto



Semana do Museu Potiguar

Em sua 4ª edição, a Semana Nacional de Museus, promovida pelo Governo Federal, através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Associação Brasileira de Museologia (ABM), comemorada em todo o Brasil no período de 15 a 21 de maio, trouxe o tema "Museus e Público Jovem". Este ano, a iniciativa teve um caráter especial, uma vez que 2006 foi instituído como o Ano Internacional dos Museus, com a proposta de reforçar os museus como instituições de inclusão social, desenvolvimento econômico e de valorização dos processos democráticos de produção e preservação do patrimônio cultural brasileiro.

No Rio Grande do Norte, a Semana do Museu Potiguar foi realizada pela Fundação José Augusto, por intermédio do Centro de Documentação Histórica Eloy de Souza. Com uma série de ações cul-

turais em Natal, se estendendo pelo interior do Estado, as atividades foram montadas com base em dois programas especiais: Museu na Cidade e Museu no Museu, ambas com ações culturais diversificadas. As atividades incluíram visitas guiadas aos monumentos urbanos, museus históricos, memoriais e cemitérios.

A programação ainda constou de exposição de artes plásticas, multimídia sobre Café Filho, palestras, mesas-redondas, apresentações folclóricas e musicais com grupos de canto coral e o Madrigal da UFRN. Segundo a presidente da FJA, Isaura Rosado, a idéia foi valorizar os museus e mostrar à população aspectos da história potiguar. "Esse expressivo conjunto de eventos indica também a dinâmica vida que pulsa nos museus e nas comunidades onde estão inseridos".

OPINIÃO ANCHIETA FERNANDES *

Valorização da política dos museus

Um setor cultural do Estado que não foi esquecido pela governadora Wilma de Faria, foi o dos museus. O governo do RN tem o que apresentar neste 2006, que é o Ano Nacional dos Museus. E apresentar como um assunto que não é apenas cultural e sim educativo. A professora Isaura Rosado, hoje presidente da Fundação José Augusto e diretora do Centro de Documentação Eloy de Souza, afirmou certa vez que o museu tem a principal função de formar e não apenas informar (do suplemento "DN Educação" do DIÁRIO DE NATAL de 26/02/06). O assunto interessa a professores e estudantes dos cursos de história, turismo, arquitetura e artes, dentre outros, que são visitantes frequentes dos mais de 40 museus do Estado.

No ano passado foi realizado o encontro do Museu Potiguar, patrocinado pelo Governo do Estado, através da Fundação José Augusto e Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza. Ao fim do encontro foi divulgada a Carta do Museu Potiguar, onde dentre outros itens, foram propostas: a revitalização do Sistema Estadual de Museus (aliás é preciso saber que o RN foi o segundo estado brasileiro, depois de São Paulo a criar um sistema estadual de museus, o que ocorreu na década de 80 do século passado), e do projeto museus comunitários uma alternativa para a museologia do RN, inclusão de disciplina de museologia nos cursos de graduação de história, artes, pedagogia e turismo; incentivo e apoio a programas culturais, educativos e de pesquisa nos museus, criando uma dinâmica constante de diálogo para a comunidade.

Os museus do RN, criados ou administrados pelo governo do Estado são: Museu de Arte Sacra, Centro de Documentação Cultural Eloy de Souza, Pinacoteca do Estado, Fortaleza dos Reis Magos, Museu Café Filho, Memo-

Arquivo/DN



Governadora Wilma de Faria tem investido na área museológica

rial Câmara Cascudo, Museu Monseñor Expedito e Museu de Imprensa Oficial Eloy de Souza, este pertencente ao Departamento Estadual de Imprensa (DEI), sendo um Museu Vivo, isto porque os equipamentos não têm exposição inativa e são vistos em funcionamento desde sua inauguração pelo governo em 31/11/2003. O Museu de Imprensa Eloy de Souza está localizado dentro do espaço do Departamento Estadual de Imprensa e contém no seu acervo

o maquinário inativo do Parque Gráfico da extinta CERN, onde era impresso o Jornal A República. Este maquinário hoje entra em funcionamento quando temos visitas agendadas. Receberemos visitas de escolas e universidades que se interessem com admiração pelo processo de comunicação impressa do passado.

*É escritor e coordenador do Museu da Imprensa Oficial do Estado

ENTREVISTA

HÉLIO DE OLIVEIRA *

Especialista em restauração e conservação de bens culturais da Fundação José Augusto, Hélio de Oliveira é considerado, desde muito tempo, a maior autoridade em museus no Rio Grande do Norte. Conhece bem a realidade dos cerca de 35 espaços presentes no Estado, e já implantou o conceito de museu comunitário em alguns, tendo tido resultados bastante favoráveis. Porém, para ele,

a solução que traria melhores efeitos seria a implantação de cursos técnicos em Museologia, o que não substituiria um curso a nível superior, mas qualificaria basicamente os profissionais que atuam nas instituições do Estado. Uma vez em prática, o especialista acredita que um outro grande problema existente nos museus seria resolvido: o estudo e catalogação dos acervos.

A comunicação dos museus

ADRIANA AMORIM
DA EQUIPE DO DN EDUCAÇÃO

Como se deu o surgimento dos museus no Rio Grande do Norte?

A iniciativa partiu do interior e não de Natal, como seria o comum, e acho isso muito interessante. O início das unidades museais aconteceu na cidade de Mossoró, praticamente com duas unidades de uma só vez, em 1948, com o Museu Diocesano, que está desativado, e o Museu Histórico Municipal Lauro da Escóssia, em 1949. Depois disso, somente a partir da década de 1960 é que outros começaram a surgir, principalmente em Natal, com o Museu Câmara Cascudo, da UFRN, e o surgimento da FJA, que passou a administrar o Forte, além do Museu de Arte e História, que depois foi desativado e seu acervo distribuído em outras instituições. Como não poderia deixar de acontecer, o maior número está presente na capital, com cerca de quinze museus.

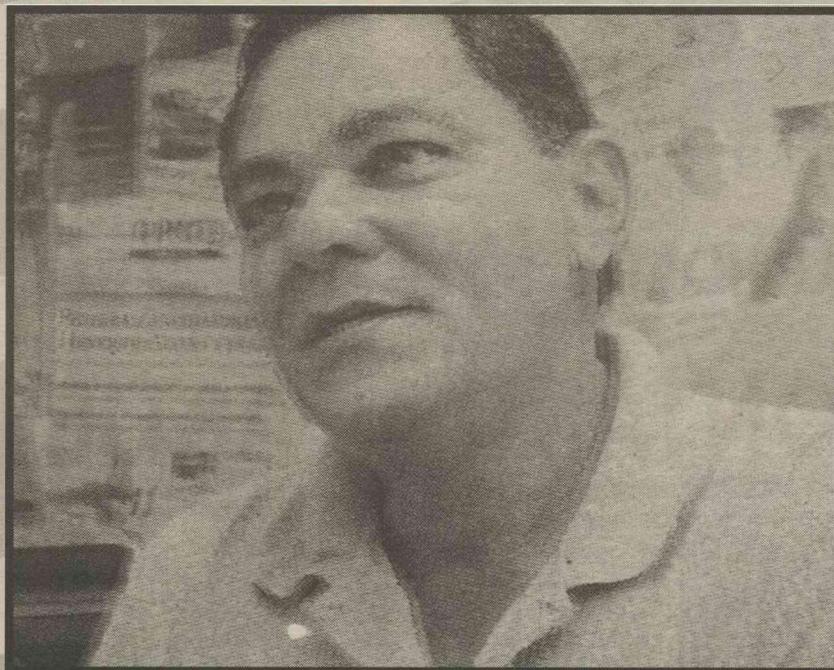
Eles surgiram desempenhando que papel?

O lema básico era 'Preservar para comunicar e comunicar para transformar a região', mas com o decorrer do tempo, da mesma forma que uma pessoa vai criando suas rugas, o acervo também vai envelhecendo. Então, hoje, é bastante comum ver os museus necessitando urgentemente de uma restauração e catalogação. Afinal, como posso falar de um par de óculos se ele não foi estudado? Isso é um problema em todo o Estado. Dentro do museu, a documentação é prioridade, pois, se não é estudado, não tem condições de dar um bom resultado.

Qual seria, então, o procedimento correto por parte das instituições?

No momento em que um objeto chega, o procedimento inicial seria fazer um

Marco Polo/DN



registro provisório. Essa deveria ser a obrigação do museu, mas isso nem sempre é feito. Por isso, uma deficiência em todo o Estado é justamente a falta de recursos humanos, pois não existem pessoas com formação específica para isso. O que ocorre, muitas vezes, é que as pessoas pensam que basta recolher o acervo e expor. É preciso saber o que vai recolher, como recolher e documentar este acervo. De um modo geral, os acervos de Natal têm uma documentação numa primeira instância, mas isso não é o suficiente. Eles precisam fazer a catalogação e depois estudar profundamente peça por peça. Esta é a função do museólogo: estudar o acervo e saber como vai expor e apresentar as peças para os seus usuários, mas de uma maneira que cause uma reflexão.

Que museus são referências com relação a esse procedimento?

O de Acari, que mesmo depois de dezesseis anos da sua montagem, ainda é atual. Ele tem simplicidade, dá o recado

e o visitante entende a cultura daquela região. Em termos conceituais, além desse, posso citar os museus de Arte Sacra, Câmara Cascudo e Memorial Aluizio Alves. Este último implantou até mesmo algumas etiquetas em braile, facilitando a inclusão. Espero que o de Mossoró também venha a ser referência.

Você citou os dois maiores problemas enfrentados pelos museus, que seriam a escassez de mão-de-obra especializada e a não documentação e estudo dos acervos. Que medidas poderiam ser tomadas para a solução?

Sou a favor de um curso técnico em Museologia. Conheço a realidade do meu estado e sei que os museus daqui têm uma certa quantidade de funcionários que não têm essa qualificação, mas mesmo assim estão à frente, levando o museu. Através de disciplinas específicas, seria muito mais fácil ter uma conversa com alguém que entende alguma coisa do que com aquele que não tem o mínimo de conhecimento. O Museu Câmara

Cascudo realizou muitos cursos de atualização, e trouxe os melhores profissionais do Brasil na área museológica. Mas tinha um problema: por mais que estivessem presentes até mesmo pessoas com nível superior, elas só começavam a entender o discurso no último dia. Não estou dizendo que eles não eram capazes de absorver, mas não era da área deles. É preciso ter o mínimo de conhecimento. Estes cursos poderiam ter sido muito mais aproveitados se os funcionários tivessem a formação técnica em Museologia. Isso não estaria formando um museólogo, mas prepararia as pessoas que já trabalham nessa área. Além disso, ao meu ver, esse curso levantaria muitas vocações a nível acadêmico.

Além da FJA, existem outras políticas de financiamento de museus?

Neste momento, os museus passam por uma situação privilegiada por ter várias instituições financiadoras, além de várias leis de incentivos. Vai depender de quem está gerenciando e quem está à frente de cada museu, mas a maioria está partindo para o financiamento de suas instituições. Eles podem depender da FJA ou das empresas, e não vai ter uma atuação quem não correr atrás. Antes, a única mantenedora era a própria Fundação, mas ela só mantém o básico.

Como os museus realizam sua divulgação?

Ao meu ver deve ser uma coisa permanente. A melhor divulgação é a programação que o museu oferece, o que está sendo produzido diariamente, exposições de longa duração, atividades constantes. Este é o maior veículo de divulgação. Se ele não for renovado, não vai ter mais o que ver. Se isto não acontece, não existe a motivação. Às vezes, aqui no estado isso acontece em todos os museus, de um modo geral. A atividade que o museu vai gerar é o que vai chamar o público.

LITERATURA MUSEU GUARDA VERDADEIRAS RELÍQUIAS DO SÉC. XVIII COMO A PRIMEIRA EDIÇÃO DE "OS LUSÍADAS" E "A DIVINA COMÉDIA"

Martins

Museu cultural Demétrio Lemos

Fotos D'Luca



O acervo possui móveis artisticamente decorados e livros datados de 1840

O educandário mais antigo de Martins ainda conserva todos os detalhes da sua fachada. Pela Escola Estadual Almino Afonso passaram os mais ilustres filhos da cidade, e ao visitá-la, merece destaque especial o Museu Cultural Cel. Demétrio Lemos, cujo acervo é formado por uma coleção de estatuetas em Art Nouveau, móveis artisticamente decorados e uma biblioteca com mais de mil volumes datados de 1840 a 1910 pertencentes ao militar.

Fundado em 21 de abril de 1989, o museu está montado em uma das salas da escola, e guarda também um acervo fotográfico registrando a história da escola e da cidade, expondo quadros de ex-funcionários, diretores e alunos que foram destaque. Mas, de acordo com a diretora Eliane Pereira, não existe incentivo para conservação e melhoria da exposição.

"Existem aqui cerca de 1.100 peças catalogadas, e eu sou a única responsável por elas", disse, enfatizando que houve apenas uma atualização

desde a fundação, a doação, pelo Banco do Nordeste, de três armários. Um, inclusive, guarda a primeira edição de "Os Lusíadas", de Luiz Vaz de Camões, datada de 1880. Outras relíquias que merecem destaques são a versão original de "A Divina Comédia", de Dante Alighieri, e "Orlando Furioso", de Ariosto, datadas do fim do século XVIII.

Segundo Eliane, uma média de cem pessoas visitam o museu mensalmente, em especial estudantes. Muitos são oriundos da própria escola. "Dentro de cada disciplina, vamos introduzindo temáticas de acordo com as necessidades, além do que estamos sempre frisando a necessidade de preservação", destacou.

Serviço

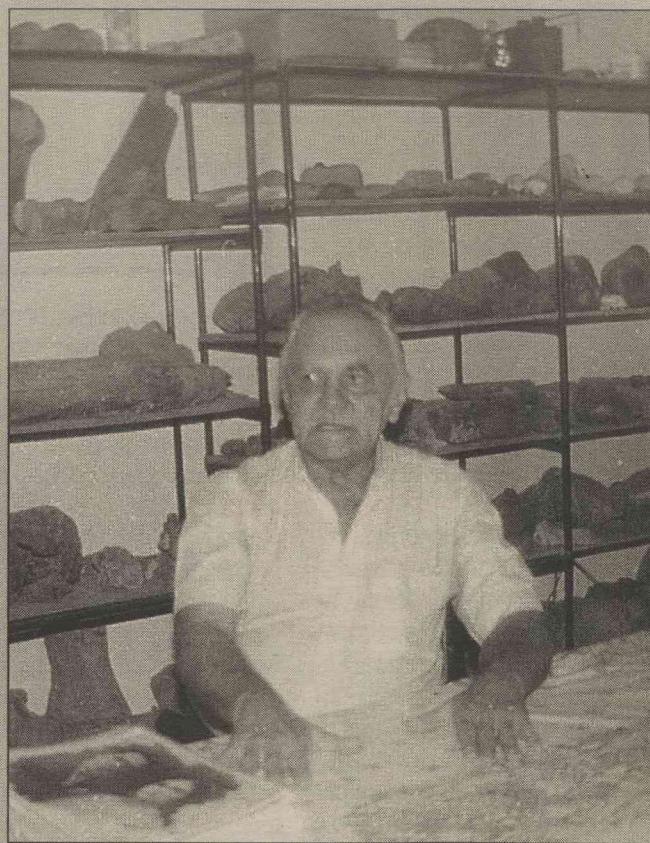
O Museu Cultural Demétrio Lemos é aberto diariamente, inclusive fins de semana e feriados, das 8h às 18h. O acesso é gratuito.

Coleção Júnior Marcelino

Pesquisador aficionado da História, da Arqueologia, da Paleontologia e da Espeleologia de Martins e região, Júnior Marcelino, de 59 anos, é também um entusiasta quando o assunto é colecionar, e isso faz desde a juventude. Suas preferências são para selos, cédulas, moedas, cartões telefônicos e antiguidades em geral. É considerado uma autoridade em todas essas áreas descritas, e guarda um grande acervo fotográfico histórico-cultural da região, principalmente de pessoas que nasceram na cidade.

Tudo está exposto em sua própria residência, num cômodo onde seria, a princípio, a copa. No entanto, o que mais chama atenção é a coleção de fósseis e artefatos indígenas que encontrou nas cavernas da região, a partir de 1988. Embora não tenham uma datação precisa, estão estimados em dez mil anos. "Tenho aqui machadinhas e cerâmicas indígenas, ossadas de Mastodonte, de Tatu e Preguiça gigante", apontou Júnior, não se importando que os visitantes toquem nas peças.

De acordo com ele, o material já serviu como fonte de pesquisa para mestres e doutores de várias universidades do Rio Grande do Norte e de estados vizinhos, sendo esse o objetivo principal de sua coleção. "Não recebo nenhum incentivo, mas tenho a proposta de criar uma fundação para divulgar essas pesquisas e os seus resultados", disse, ressaltando que, embora o público-alvo seja de profes-



Todo a coleção de Júnior Marcelino é exposta na própria residência

sos e universitários, o espaço é aberto também a estudantes de todos os níveis de ensino. "Por semana, recebo uma média de 80 pessoas".

Serviço

A Coleção Júnior Marcelino é aberta diariamente, desde que o proprietário esteja em casa. O acesso é gratuito.

II GUERRA HOMENAGEM A UM EX-COMBATENTE

Memorial Manoel Lino de Paiva

Dois quilômetros do centro de Martins, uma estrada de difícil acesso leva à comunidade de Serra Nova. Lá, o Memorial Manoel Lino de Paiva presta uma homenagem a esse combatente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), morto na Itália em 1945, durante a II Guerra Mundial. O Memorial tem o objetivo de resgatar, preservar e divulgar elementos da história do combatente, bem como de outras pessoas da cidade e do Estado que tiveram participação no conflito.

A casa que abriga o memorial tem mais de cem anos e é o lugar onde nasceu e viveu Manoel, juntamente com sua família, até sua incorporação

no Exército Brasileiro, aos 23 anos. Ainda preservada desde sua construção, guarda objetos pessoais, quadros, fotografias, e mobiliário da família do jovem. Na sala principal, por exemplo, encontram-se objetos e dados biográficos sobre a batalha e sobre os martinenses e norte-rio-grandenses mortos no conflito. Além disso, podem ser encontradas informações sobre pessoas que realizaram ações relevantes na comunidade desde o início do século XX.

De acordo com Severino de Paiva, sobrinho do ex-combatente, muitos estudantes realizam pesquisas sobre a II Guerra no memorial, que é aberto ocasionalmente, geralmente



Memorial guarda objetos e fotos do ex-combatente

quando alguém tem interesse em conhecer. "Em breve, haverá expediente normal", prometeu. Com apoio da Prefeitura de Martins e das Drogarias Paiva, de Natal, o memorial surgiu por ocasião dos sessenta anos da participação do combatente na guerra. O período de maior visitação ocorre nos feriados, quando há um número maior de turistas na região.

Serviço

Para conhecer o Memorial Manoel Lino de Paiva é preciso agendar visitas pelo telefone 84-3391.2387. O acesso é gratuito.

Fotos D'Luca



Muitos estudiosos utilizam memorial para pesquisas sobre a II Guerra

Museu Histórico de Martins

Situado no centro da cidade, o Museu Histórico de Martins funciona na antiga residência do jornalista, abolicionista e político Almino Afonso. Fundado em 20 de dezembro de 1955, o museu fechou pouco tempo depois, tendo sido reaberto somente trinta anos seguintes. O objetivo é resgatar a história de Martins e de pessoas que se destacaram na cidade, desde políticos e estudiosos a benzedoras e parteiras.

Mantido pela Prefeitura Municipal, o casarão possui doze salas, divididas por três pavimentos. No primeiro estão as salas de arqueologia - a maior coleção do Rio Grande do Norte, com mais de cin-

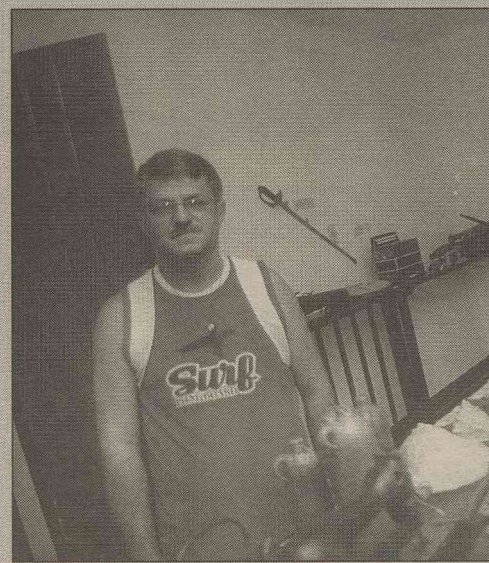
co mil peças -, dos ex-combatentes da II Guerra Mundial e dos ex-prefeitos. Segundo Francisco Lopes, que dirige a instituição há cerca de vinte anos, em uma outra sala está sendo montada uma galeria dos ex-professores martinenses. "No segundo piso, o visitante pode encontrar uma sala onde estão expostos vários objetos que contam a história dos antepassados, e no último há uma biblioteca, móveis antigos e um missal de 1858", explicou.

Todo o acervo foi doado pela comunidade, e as visitas são constantes, tendo como público principal estudantes de todo o estado, além de turistas. As peças foram

catalogadas, mas ainda não houve uma contagem total do acervo. "Além disso, estamos esperando a visita de um funcionário da Fundação José Augusto para a organização temática do museu", ressaltou Lopes, enfatizando também que o prédio sofre com infiltrações e falta de segurança. "Muitas peças são roubadas, e como não existe um registro oficial, fica difícil localizá-las".

Serviço

O Museu Histórico de Martins é aberto diariamente, das 7h30 às 11h30, e fins-de-semana, até às 12h. O acesso é gratuito.



Francisco Lopes dirige a instituição há 20 anos



Museu possui o maior acervo arqueológico do RN

Campo Grande

Fotos D'Luca



O museu recebe, mensalmente, centenas de visitantes

MÉRITOS MEMORIAL RESGATA NOMES DE PERSONALIDADES DA CIDADE

Museu Donatila Jácome



Neuraci Vieira expõe peças antigas que pertenceram às primeiras famílias do município

Localizado no centro de Campo Grande, num prédio onde funciona a Casa de Cultura Popular, o Museu Donatila Jácome ocupa três salas que expõem, em sua maioria, peças que pertenceram à sua família. Em uma delas, em especial, está o Memorial Cleto de Souza, marido de Donatila, que foi tabelião, músico e poeta natural do município. A Casa de Cultura, inclusive, era seu antigo escritório, e foi doado, em 1996, pela família ao empresário Antônio Gentil, sobrinho de Cleto e natural da cidade, primeiro a estimular a criação do centro cultural.

Inicialmente, Gentil buscou meios e financiou economicamente por vários anos a manutenção do espaço, que era formado pelo Memorial Cleto de Souza, escola de música, uma biblioteca, uma sala de informática, uma pinacoteca e um auditório. Este último, hoje, leva o seu nome. Em 2002, o centro foi doado ao Governo do Estado, que fundou ali a Casa de Cultura, passando a disponibilizar recursos para manutenção do prédio e de três funcionários.

O destaque do acervo do museu são os móveis antigos e um oratório secular, mas existem outros objetos que foram doados pela comunidade. O diretor de redação do Diário de Natal, Osair Vasconcelos, foi também um grande incentivador, tendo doado inúmeros livros à biblioteca. Segundo a Diretora do espaço cultural, Neuraci Vieira Albuquerque, o museu tem o objetivo de resgatar e dar continuidade à história de personalidades de Campo Grande. "Além da memória de Donatila e Jácome, fizemos uma exposição fotográfica dos amigos da família, bem como de todos os ex-prefeitos da cidade", disse, enfatizando que o local chega a receber até mil visitantes, por mês, em especial estudantes.

Serviço

O Museu Donatila Jácome é aberto de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h. O acesso é gratuito.



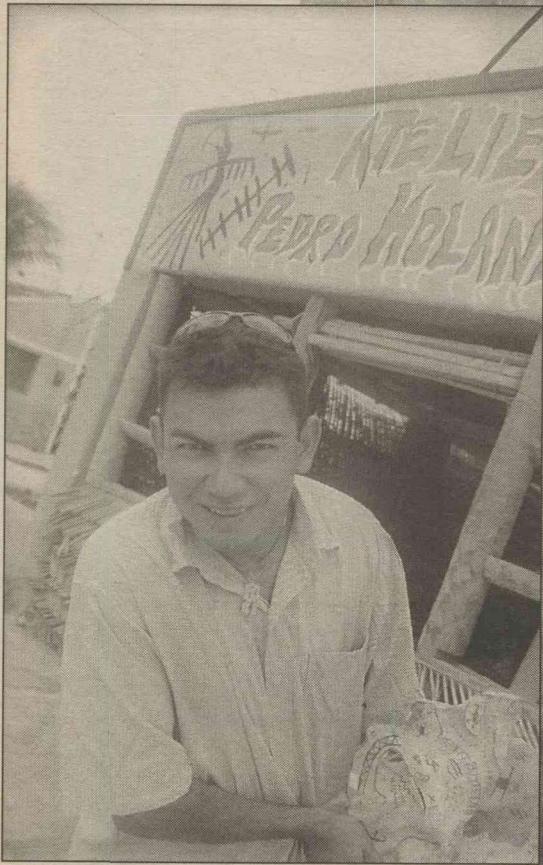
O centro cultural surgiu com o Memorial Cleto de Souza

Apodi

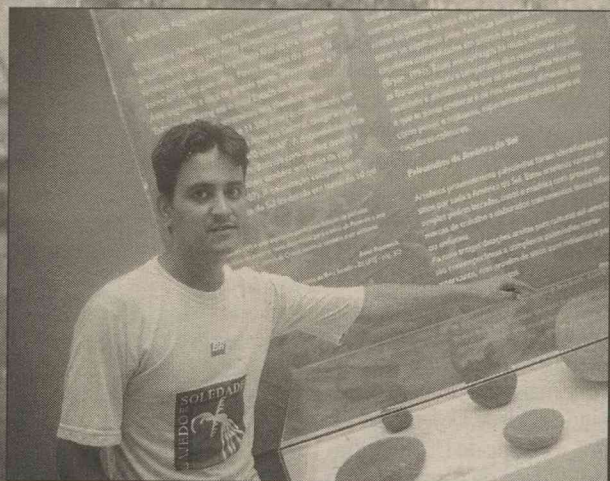
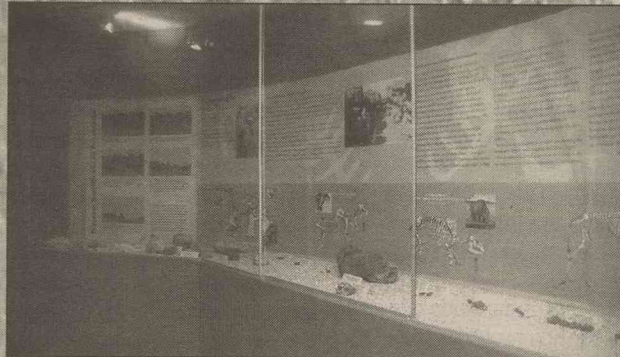
PRESERVAÇÃO MUSEU CONTA COM APOIO DA PETROBRAS E O SÍTIO ARQUEOLÓGICO É UM DOS MAIS ANTIGOS DO PAÍS

Museu do Lajedo

Fotos D'Luca



Pedro Holanda antes trabalhava na extração de calcário



João Batista ensina como antepassados faziam para pintar

O sonho de Dodora

A história de preservação do Lajedo de Soledade tem início com a advogada Maria Auxiliadora da Silva Maia, Dodora. Ela, em 1978, iniciou um trabalho solitário de defesa daquele patrimônio cultural e natural, que aos poucos era destruído pelos exploradores de calcário. Somente em 1991, um grupo de ambientalistas iniciou um trabalho no sentido de conscientizar os cerca de dois mil moradores da região da importância de preservar a área. Com o patrocínio da Petrobras, surgiu a Fundação Amigos do Lajedo de Soledade (FALS), que patrocinou pesquisas nas áreas de arqueologia, paleontologia, espeleologia e geologia, bem como promoveu a capacitação na área de educação ambiental, delimitou três áreas destinadas à preservação e construiu o museu. Dodora, que desde então é presidente da Fundação, ressalta a mudança na qualidade de vida dos moradores desde que a Petrobras passou a atuar na área, com projetos de preservação ambiental e de conscientização. "O turismo, principalmente o pedagógico, também vem contribuindo nessa visibilidade", disse.



Pinturas rupestres de Soledade têm idade de três a 10 mil anos

A 12 km do centro de Apodi está situado o pequeno distrito de Soledade, que preserva um dos sítios arqueológicos mais antigos e importantes do país, o Lajedo de Soledade. Com um quilômetro quadrado de dimensão, o sítio é uma formação de rocha calcária do período paleolítico, com idade geológica estimada em 90 milhões de anos, e apresenta cavernas com pinturas e gravuras rupestres. Além disso, fósseis de animais pré-históricos que habitaram a região, como mastodontes, tigres dentes-de-sabre, tatus

e preguiças gigantes, podem ser vistos no Museu do Lajedo.

Criado em 1991, o museu abriga materiais oriundos de diversas pesquisas realizadas no sítio, preservando sua história de uma forma bastante didática, facilitando o aprendizado principalmente por estudantes, geralmente em grupos de excursões. Dividido por períodos, é possível fazer um passeio pelo tempo através de grandes painéis coloridos e ilustrados com informações sobre o Lajedo de Soledade, vitrines com fósseis, objetos, rochas e ma-

quetes. Uma pequena loja no local vende o artesanato produzido no Centro de Atividades do Lajedo, como peças de cerâmica, palha, pinturas com temas locais e artigos de papel reciclado.

De acordo com João Batista, guia do museu, o visitante não precisa se restringir a essa exposição, "já que o próprio sítio arqueológico é um grande museu a céu aberto", disse. Pinturas e gravuras rupestres, cujas idades variam de 3.000 a 10.000 anos, podem ser vistas nas grutas, fendas e cavernas, feitas por

índios que habitaram a região, e estão presentes em 53 painéis espalhados em três áreas demarcadas: Araras, Urubu e Olho d'Água.

Nas ravinas - escavações no solo causadas pela chuva -, os turistas podem ver desenhos de araras, garças, lagartos e formas geométricas ainda não decifradas feitas com as pontas dos dedos, com pequenos galhos, pincéis primitivos e com carimbos desenhados nas mãos. "As cores das tintas eram obtidas com o uso do óxido de ferro, sangue de animais e gor-

duras vegetal e animal", explicou João, fazendo uma demonstração e salientando que o mesmo procedimento é similar ao usado na confecção do artesanato local.

Serviço

O Lajedo de Soledade e o Museu funcionam de terça a domingo, das 7h às 17h. A entrada ao museu custa R\$ 2, e o passeio pelo sítio custa R\$ 15 por cada grupo de quinze pessoas.

Alto do Rodrigues

ORIGEM MUSEU CONTA HISTÓRIA DE FAMÍLIAS QUE FUNDARAM O MUNICÍPIO

Ambiente

Cultural Dona Tiquinha

Resgatar a história de Alto do Rodrigues é a proposta fundamental do Ambiente Cultural Dona Tiquinha, órgão pertencente à Secretaria Municipal de Educação, que mantém duas funcionárias. Criado em 24 de março de 2004, o espaço visa tornar-se, com o tempo, uma referência na cidade em termos de pesquisas acerca da vida social, cultural e histórica do município, como explicou a professora Norma Maria, coordenadora do museu.

A casa é pequena, com apenas três cômodos, não havendo uma tematização por salas. Mesmo assim, é possível encontrar imagens e objetos pertencentes à família do fundador da cidade, Joaquim Rodrigues Ferreira, além de outras de famílias originárias no município. Norma conta que muitos estudantes realizam pesquisas escolares sobre a cultura, a educação e a própria história da cidade. "Aqui, eles encontram objetos antigos e diversos causos das histórias de antigamente, como cantadores, bordadeiras, poetas e pessoas letradas", disse.



Dona Tiquinha, ontem e hoje, de férias em Alto do Rodrigues

Conforme diz ela, a idéia é levar o acervo para uma casa centenária da cidade, mas a dependência por questões burocráticas impede a agilidade do seu tombamento. "Enquanto isso, vamos utilizando esta casa, que não é um espaço ideal para acomodar as peças e exposições fotográficas, mas o trabalho vem funcionando bem, sempre na perspectiva de melhorar cada vez mais".

De acordo com Norma, ainda não existem projetos sendo desenvolvidos junto à comunidade, nem tampouco junto às escolas. Mesmo assim, muitas peças foram doações da própria população, "que aceitou a proposta desde o início, dando total apoio em todos os aspectos". Segundo ela, a média por semana é de dez visitas, número que tende a aumentar quando são realizadas exposições culturais.

No espaço, o visitante também encontra uma exposição com fotos de todos os prefeitos eleitos no município, bem como de professoras que se destacaram na educação municipal, a exemplo da própria Dona Tiquinha, uma homenagem da prefeitura a uma das mulheres que mais contribuíram para o desenvolvimento da cidade. De férias em Alto do Rodrigues, a equipe do Diário de Natal teve a oportunidade de conversar com ela, que mora desde 1961 no Rio de Janeiro.

Francisca Lopes Barbosa, a Dona Tiquinha, nasceu no município e dedicou, de 1947 a 1961, à vida docente, mas não com o simples ato de repassar conhecimentos em sala de aula. Fora do ambiente escolar, ela chegou a desenvolver projetos que beneficiassem a comunidade como um todo. Foi ela, por exemplo, quem levou à cidade energia elétrica. Diante de tantos feitos, destacam-se o surgimento de grupos de teatro e do Pastoril, através de recursos arrecadados por meio de festas organizadas pela comunidade, o que rendeu também a construção da capela, onde hoje é a igreja matriz Nossa Senhora do Rosário.

"Dizem que fui uma professora bastan-

Fotos D'Luca



Diretora do Museu, Norma Maria, auxilia alunos nas pesquisas sobre o município

te dinâmica e atuante por aqui, mas apenas fiz o que devia. Não creio que fui tão boa assim", contou, salientando que, naquela época, a cidade era apenas um pequeno lugar, "com pessoas sonhadoras, cheias de ideais. Tudo o que eu idealizava, realizava junto com as pessoas", concluiu.

Serviço

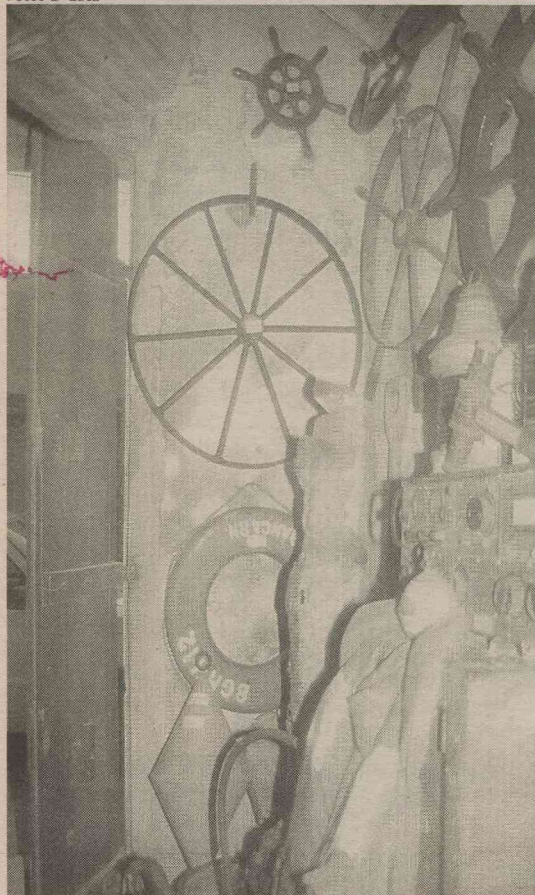
O Ambiente Cultural Dona Tiquinha é aberto de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h. A entrada é gratuita.

ABNEGAÇÃO MESMO SEM ESTRUTURA, MUSEU GUARDA MAIS DE 50 MIL PEÇAS

Areia Branca

Casa Museu Máximo Rebouças

Fotos D'Luca



Museu guarda vários artefatos da época da II Guerra Mundial

"Venho sempre ao museu, pois acho ele muito bonito. Hoje, doei uma moeda antiga e aprendi que é importante cuidar, zelar e doar".

Mirla Tuane
Estudante do 3º ano do Ensino Fundamental

Chegando em Areia Branca, a equipe de reportagem, que a princípio buscava detalhes de um projeto de museu, descobriu um acervo que guarda mais de 50 mil peças que datam desde o início do século XIX ao fim do século XX, numa verdadeira relação entre o antigo e o considerado ultrapassado. O número impressiona. No entanto, o que mais chama atenção é o modo como o proprietário, Máximo Rebouças, o mantém. Aos 45 anos, sua dedicação diária e voluntária vem transformando o museu que leva o seu nome em um dos instrumentos de pesquisa mais importantes para os estudantes do município.

Diferente da maioria, a Casa Museu Máximo Rebouças é totalmente particular. Inaugurado em 31 de outubro de 2003, sua história teve início um pouco antes, em 2002, quando o professor, que divide o seu tempo lecionando em duas escolas - uma do município e outra do Estado -, começou a reunir "peças dos antepassados" num pequeno povoado próximo de Areia Branca, onde ele ensina. "Achei uma excelente idéia e quis levá-la para a cidade. Mas meu problema era tempo. Fui à caça, e tive muita ajuda da população, que também ajudou na busca por doações. Muitas eu mesmo comprei", disse Rebouças, que em apenas três anos chegou a um número grandioso, tendo encontrado relíquias das mais diversas, incluindo toda a documentação do município e de seus fundadores, bem como o registro da cidade quando ainda era vila.

E a coleção continua crescendo, e cresce com ela a vontade de permanecer com o trabalho. Sem tempo durante a semana, Rebouças dedica os fins-de-semana e feriados para a limpeza e recepção dos visitantes. "Passo mais tempo aqui dentro desse museu do que vivendo, mas essa é a minha felicidade", frisou. Contudo, o principal problema é a falta de espaço. O pequeno salão, numa primeira vista, é apenas um depósito de velharias, sendo difícil até mesmo a locomoção por entre os pequenos corredores formados pelos objetos.

"Quando acho uma nova peça é uma dificuldade, pois vou precisar mudar tudo para adequá-la. Se você vier na próxima semana, vai estar diferente e atualizado", disse, complementando que centenas de outras peças não puderam entrar na exposição. "Nem dur-

mo mais no meu quarto por causa de tanta coisa que tem lá". Apesar disso, todo o acervo está organizado de tal forma que é possível levar a um aprendizado concreto. "Primeiramente, levo o visitante para o setor histórico da cidade, passando pelos setores de náutica, comunicação, educação, entre tantos outros assuntos, sempre contextualizando", disse o professor, que atende uma média de sessenta pessoas, por semana, sem cobrar taxas. "Não cobro nada, até porque não possuo uma estrutura adequada".

O primeiro televisor colorido, os primeiros rádios, eletrodomésticos, geladeiras, coleções de moedas, de selos, relógios e cigarros, além de pôsteres de filmes em cartaz nos antigos cinemas da cidade. "Tudo que faz lembrar as pessoas que viveram em outras épocas aqui na cidade é guardado e documentado". E tudo isso tem um grande propósito. De acordo com Máximo, além de ser um trabalho de amor pela história, o esforço visa ser fonte de pesquisa para as escolas. "Sempre vou às salas de aula para tentar agendar visitas, além de que costumo trazer todos os meus alunos para cá", disse.

Outra característica marcante no museu é a preservação por objetos não tão antigos, como computadores, vídeo games e telefones celulares da década de 1990, que literalmente já são peças de museu. "Se eu não guardá-los hoje, amanhã eu posso não tê-los", salientou, sobrepondo uma de suas maiores angústias. "Areia Branca ainda não despertou para a cultura, e percebo que muitas pessoas da educação e da cultura, por exemplo, não entram. Isso me magoa muito, pois eu queria que todos tivessem esse amor que eu tenho pela história da cidade", disse ele, que já investiu mais R\$ 30 mil reais com o museu, além de dedicar cerca de R\$ 800 reais do seu salário, por mês, para conservação e aquisição de objetos. "Muitas vezes sou chamado de louco".

A boa notícia, contudo, é que até o fim do ano, em parceria com a Secretaria de Turismo, o museu será transferido para um prédio maior e mais bem localizado. Segundo o secretário de turismo, Ubiraci Seixas, a idéia é que Máximo Rebouças seja lotado no museu permanentemente. "Vemos aqui um grande potencial cultural e educacional. Por isso, temos uma grande preocupação em inserir o museu no roteiro turístico do município, valorizando, desta forma, o turismo cultural da cidade", frisou.

Serviço

A Casa Museu Máximo Rebouças é aberta nos fins-de-semana, das 8h às 12h e das 13h às 20h. A entrada é gratuita. Telefone: 84-3332.4525



O velho e o novo: vídeo game Odyssey (1980) e Laser Disco (1995)

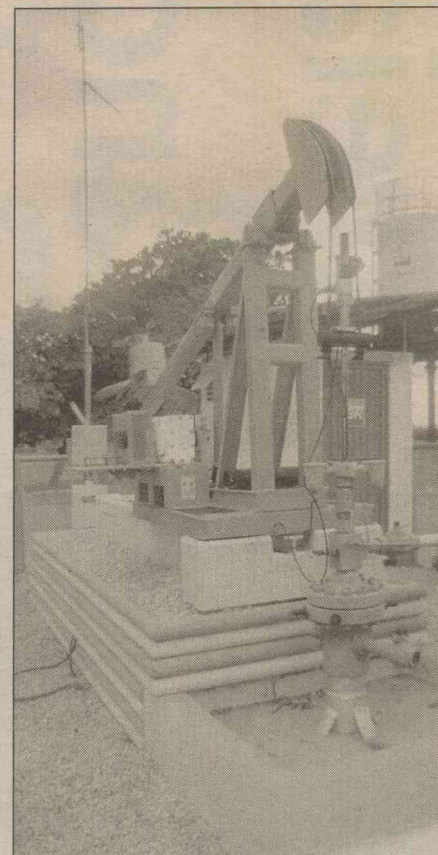
TRAJETÓRIA MUSEU CONTA A HISTÓRIA DOS 30 ANOS DO PETRÓLEO EM MOSSORÓ

Mossoró

Fotos D'Luca



O Museu do Petróleo é uma das atrações da antiga Estação das Artes Eliseu Ventania, na cidade de Mossoró



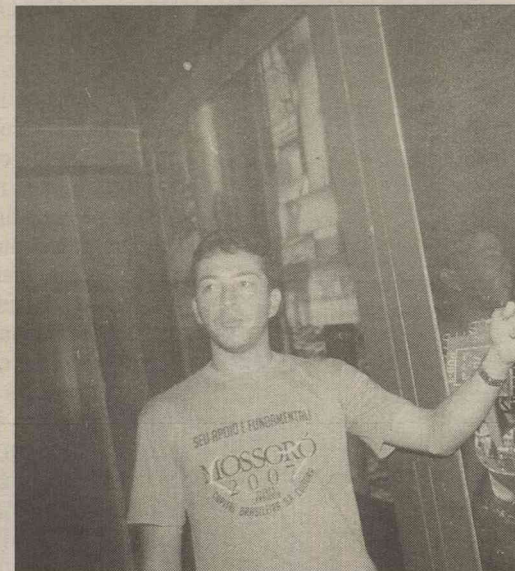
A extração do petróleo em Mossoró

Museu do Petróleo

Com a proposta de mostrar à população os trinta anos de história do petróleo em Mossoró, o Museu do Petróleo surgiu em 1999, numa parceria entre a Prefeitura e Petrobras, e é uma das atrações da Estação das Artes Elizeu Ventania, antiga estação de trem, de 1915, onde ocupa uma pequena sala. Lá, o visitante pode conhecer toda a trajetória do petróleo e da Petrobras através de fotografias, maquetes, amostras de óleos, filmes e equipamentos, além de ter acesso a pesquisas na biblioteca virtual Raimundo Soares Brito.

Por meio de um passeio pelo museu, acompanhado por um instrutor,

o visitante pode conhecer os passos dados para a exploração do petróleo em Mossoró, integrante da bacia setentrional. Por etapas, narra a história de Mossoró a partir da fundação até sua influência na economia primária do Rio Grande do Norte e potencialidades de desenvolvimento. Em outra área discorre sobre os estudos realizados pelo Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), em 1943, analisando o lençol de petróleo da bacia potiguar, porém sem qualquer interesse comercial. O avanço da Petrobras, ocorrido na década de 1970 constitui a terceira etapa do museu.



Instrutor Michargan Faraday explica a importância do petróleo

De acordo com o instrutor Michargan Faraday, o museu é um importante instrumento de educação para quem deseja conhecer a história do petróleo. "Aqui, o visitante tem a oportunidade de saber a sua importância e utilidades. Muita gente não sabe do que ele é capaz, além de que acham que a Petrobras agride o meio ambiente, e não é verdade", explicou.

Segundo Faraday, muitas escolas realizam junto ao museu pesquisas sobre o petróleo na cidade. "Nem é obrigação dos monitores, mas muitas vezes vamos até as escolas para apresentar a proposta do museu e também dos programas educacionais e cultu-

rais da Petrobras", disse, enfatizando que a entrada é franca. O museu recebe cerca de 400 pessoas por mês, e é aberto de segunda à sexta-feira. "A previsão é de que o museu passe a funcionar também nos fins-de-semana, a partir de uma nova instrução de jovens", disse, complementando que, atualmente, existem três funcionários.

Serviço

O Museu do Petróleo é aberto de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 18h. A entrada é gratuita.

**ENCAIXOTADO APESAR DE ESTAR
FUNCIONANDO, POPULAÇÃO NÃO
TEM ACESSO AO ACERVO**

Museu do Cangaço

Fotos D'Luca



O museu está instalado no prédio da antiga cadeia pública da cidade



Exposição fotográfica mostra a passagem do bando de Lampião em Mossoró

Criado em 30 de setembro de 1948, inicialmente com doações de livros e peças antigas, hoje, o acervo do Museu Municipal Jornalista Lauro da Escóssia, que desde 1992 está instalado no Centro Histórico Cultural Manoel Hemeitério, prédio da antiga Cadeia Pública de Mossoró, conta com preciosidades da cultura regional, sendo distribuídas em galerias e seções. Destas, a seção de Arqueologia Indígena é a maior do Rio Grande do Norte. Lá, o visitante poderia encontrar também registros em documentos e objetos do Movimento Abolicionista, o primeiro voto feminino na América do Sul e da resistência de Mossoró a Lampião. Poderia. Isso porque o museu está parcialmente fechado há cerca de cinco anos, mesmo funcionando.

Aberto de segunda a sábado, com entrada franca, "a história continua a ser vista pelo povo", como frisou a diretora, Maria Lúcia Escóssia de Castro, que espera o início da restauração da estrutura física, para que dessa forma o museu possa ser totalmente reaberto no dia 14 de julho. "Todo o acervo já foi restaurado, mas a grande maioria das peças encontra-se encaixotada", disse.

No entanto, o visitante apenas observa no piso inferior do prédio uns e outros artefatos e algumas exposições fotográficas, dentre elas a da história de Lauro da Escóssia, estando expostos também alguns objetos pessoais, documentos e informações sobre o jornalista, que dirigiu a instituição em 1992. Mesmo havendo dezoito funcionários, não há um guia especializado. Apesar disso, o museu recebe um número bastante satisfatório de pessoas. Apenas no período de 3 de março a 20 de abril deste ano o livro de visitas registrou 579 visitas.

A história do Cangaço, um dos mais importantes movimentos revolucionários brasileiro, também tem sua história registrada através de fotografias. Mesmo sendo conhecido como "Museu do Cangaço", o Museu Lauro da Escóssia guarda, além de fotografias, ape-

nas dois rifles dessa época, um pertencente ao bando de Lampião, e outro a um combatente de Mossoró. "A instituição deve ser vista como histórica, de uma maneira geral, pois aborda vários outros aspectos da história da cidade", salientou Maria Lúcia.

Segundo ela, o museu não tem interação com escola, embora muitos estudantes realizem pesquisas no local. "Por enquanto, a única fonte de pesquisa disponível é a coleção completa do jornal O Mossoroense, de 1972 aos dias atuais", disse, enfatizando que o museu guarda cerca de 50 mil peças, que estão catalogadas. "Mesmo assim, não temos acesso à essa catalogação".

O projeto para a nova exposição, que já está pronto, prevê a criação do museu dividido por temas como cangaço e a produção do algodão. Com uma moderna estrutura, a instituição contará com exposição permanente da história de Mossoró, a partir de seu povoamento, quando ainda era apenas um pequeno vilarejo até os dias atuais.

Serviço

O Museu Municipal Jornalista Lauro da Escóssia é de segunda a sexta-feira, das 7h às 17h, e aos sábados, das 8h às 12h. A entrada é gratuita.



Os rifles são os únicos objetos que remetem ao cangaço

Touros

DIDÁTICA HISTÓRIA DE TOUROS PODE SER
CONHECIDA ATRAVÉS DA EXPOSIÇÃO

Museu

Histórico de Touros



Fotos D'Luca

Serviço

O Museu Histórico de Touros é aberto diariamente, inclusive fins-de-semana e feriados, das 8h às 12h e das 14h às 17h50. A entrada é gratuita.

A 86 Km da capital está o município de Touros, situado no litoral norte do Rio Grande do Norte, sendo o ponto mais a Nordeste do Brasil. Lá, as principais economias vêm da pesca, do artesanato e do turismo, oferecendo aos visitantes praias tranquilas e a oportunidade de conhecer o segundo farol mais alto das Américas e segundo maior do mundo. Sua história conta fatos peculiares, alguns contestando a história oficial, como o de que o Brasil teria sido descoberto em Touros e não em Porto Seguro, na Bahia, e que o "Marco de Touros" teria sido chantado no dia 30 de abril de 1500, durante a segunda missa na Terra de Vera Cruz, e não em 1501.

A tese de que o Brasil nasceu aqui, no Estado, pode ser conhecida de perto no Museu Histórico de Touros, que expõe, inclusive, uma mapoteca do pesquisador Lenine Pinto, autor da te-

se. Não somente isso, o museu, que tem o propósito de desenvolver o turismo cultural e resgatar a história de Touros e adjacências, exhibe centenas de relíquias, desde os velhos canhões coloniais deixados pelos portugueses no confronto contra os holandeses no litoral norte-rio-grandense, aos detalhes que enriquecem a cultura popular e que resistiram ao tempo, como os primeiros blocos de carnaval e o acervo dos grupos de danças folclóricas.

Fundado em 15 de janeiro de 2004, o museu está localizado em uma única dependência do Centro de Turismo da cidade, num espaço sem climatização e sem divisórias, sendo este o único problema enaltecido pela diretora, Lenira Barros. De acordo com ela, é preciso que seja encaminhado um técnico habilitado em museu para orientar numa melhor organização. "Mes-

mo assim, organizamos o espaço por painéis temáticos, facilitando o passeio pelos fatos históricos", disse.

Dessa forma, o visitante vai conhecendo, gratuitamente, a história do município através das mais de mil peças, fotos e equipamentos que expressam a produção econômica e a vida social e cultural em outras épocas. O acervo do museu consta ainda de relatos da história do município, artefatos de embarcações da época das grandes navegações, bem como utensílios domésticos e industriais que datam dos séculos XIX e XX.

Num espaço nobre do Museu, a prefeitura local prestou uma homenagem aos pilotos italianos Arturo Ferrarin e Carlos Del Prete, pelo feito histórico ocorrido em 5 de setembro de 1928, quando foi feita a travessia do oceano Atlântico Sul no avião bimotor Savoya, vencendo a dis-

tância de 9.520 km num tempo de 49 horas e 19 minutos de voo ininterrupto, batendo o recorde de distância sem escala, fazendo aterrissagem forçada no local hoje conhecido como lagoa do avião em Touros.

Segundo Lenira Barros, o museu é vivo, sendo constantemente atualizado através de peças doadas pela comunidade. "Agora, estamos montando uma galeria de todos os prefeitos eleitos da cidade, além de uma exposição fotográfica e biográfica dos vultos que marcaram a história e a cultura local". Lenira conta ainda que o museu é freqüentemente visitado, em especial em épocas de alta estação e de programação cultural. Os estudantes, no entanto, são o público principal, realizando pesquisas escolares. "Sempre fazemos a divulgação do museu junto às escolas e à comunidade em geral. Afinal, mu-

seu não é só passado; museu é história", enfatizou.

A instituição é mantida com recursos da Prefeitura Municipal, que disponibilizou espaço e verba para o seu pagamento. "Temos ainda auxílio de duas adolescentes, beneficiadas pelo Projeto Jovem Guia de Turismo, responsáveis pelo atendimento aos visitantes". Uma delas é Wiliane Tenório, de 17 anos. Há pouco mais de um ano atuando como guia, ela conta que precisou aprender tudo sobre o município, o que lhe proporcionou desenvolvimento pessoal e intelectual. "Estar aqui está sendo importante para o meu amadurecimento, além de que me tornei uma pessoa mais responsável e mais segura. Este é meu primeiro emprego, o que me fez ganhar um pouco mais de independência", disse a jovem que pretende cursar Turismo.

MUSEU ARTE SACRA DE TOUROS

Criado pelo Pe. Bianor Francisco de Lima Júnior, em 27 de março de 2005, o Museu de Arte Sacra de Touros guarda uma riquíssima coleção sacra do Rio Grande do Norte. Lá, o visitante pode encontrar obras de arte históricas da igreja católica do século XVIII até o século XX, como estatuário, mobiliário, vias sacras e oratórios do culto popular, dispostos tematicamente em cômodos de uma casa pertencente à Igreja Matriz do Bom Jesus dos Navegantes, que mantém dois fun-

cionários, responsáveis pela orientação aos visitantes e conservação das peças.

De acordo com Nilton Malaquias, um dos guias do museu, cerca de trezentas pessoas já passaram pela casa desde a sua inauguração. "A divulgação é feita pela igreja, sendo que os principais visitantes são romeiros, religiosos e estudantes, que vêm fazer pesquisas escolares", disse. Segundo ele, a idéia da formação do museu surgiu em 2000, quando foi organizada pelo Pe. Bianor uma exposição de

objetos sacros da igreja e outros doados pela comunidade, por ocasião da festa dos 200 anos de construção da Igreja Matriz. "O objetivo é resgatar a história religiosa da cidade e do Estado através de objetos e imagens de santos, inclusive a do padroeiro da cidade, Bom Jesus dos Navegantes", explicou.

A casa, localizada no centro da cidade, é pequena e não possui uma estrutura adequada, como boa iluminação e climatização. Mesmo assim, é possível fazer um passeio pelas salas,

que guardam cerca de duzentos objetos, desde painéis de ex-votos diversos, com doações de romeiros e fiéis do padroeiro em agradecimentos às graças alcançadas, aos castiçais antigos da igreja e peças utilizadas ainda hoje nas paredes de casas da zona rural, como terços gigantes.

Uma outra sala expõe diversas velas, vasilhames com água benta, imagens de diversos padroeiros do Estado, livros de atas, fotografias, bíblias, sacrários, crucifixos e roupas utiliza-

das durante as celebrações religiosas. No corredor principal, um armário contém peças usadas pelo papa João Paulo II, em visita a Natal no mês de outubro de 1991, além de cálices e outros artefatos mais recentes, pertencentes ao novo papa, Bento XVI, trazidos do Vaticano.

Serviço

O Museu de Arte Sacra de Touros é aberto de segunda à sexta-feira, das 8h às 12h e das 14h às 17h. A entrada é gratuita.

Sao Paulo do Potengi

HOMENAGEM A UMA VIDA DE LUTA CONTRA A SECA NO SERTÃO

Memorial

Monsenhor Expedito

Desde que o Monsenhor Expedito Sobral de Medeiros morreu, em 16 de janeiro de 2000, o local simples onde viveu, em São Paulo do Potengi, é conservado da mesma maneira. Um dia depois, na missa de corpo presente, foi anunciado que sua residência seria um memorial, o que de fato ocorreu, e ainda hoje presta uma rica homenagem ao chamado Apóstolo das Águas.

Quase tudo está mantido exatamente como o Monsenhor deixou. "Uma ou outra coisa foi adaptada, mas nada que deixe de fazer com que o visitante sinta sua presença nos cômodos da casa", afirmou a coordenadora, Alba Maria da Silva, que chegou a conviver com o religioso durante 31 anos. "Larguei tudo e me dediquei a cuidar dele", enfatizou, complementando que Monsenhor Expedito residiu ali por 56 anos.

Nos seus 60 anos de religioso, Monsenhor Expedito saciou mais que a sede do

povo sertanejo e ajudou a conscientizá-lo sobre as correntes escravagistas da seca. Esse importante histórico trabalho social desenvolvido também foi resgatado. O Memorial expõe painéis fotográficos, sala para arquivos de documentação e correspondências, além de uma videoteca com acervo composto de 140 documentários de autoria do próprio religioso ou produzidos por outras pessoas sobre sua vida. "Muitos estudantes vêm pesquisar sobre sua vida e obra através desses vídeos, que enfocam principalmente o período de 1990 a 1999, pela luta contra a seca e as adutoras", destacou.

Na sala da casa é mantida a cadeira de balanço em que o Monsenhor aparece em diversas fotos veiculadas pela imprensa. Numa foto histórica da década de 1950, o governador Dinarte Mariz aparece sentado na cadeira ao lado de Dom Eugênio de Araújo Sales e Monsenhor Expedito. O quarto estreito onde ele gostava de fi-

car deitado numa rede, lendo ou rezando, é uma das marcas registradas da casa. A simplicidade do lugar reflete a personalidade do proprietário da casa que não gostava de luxo. Até mesmo o filtro de água utilizado era de barro.

Alba conta que o memorial é mantido com recursos do Governo do Estado. No entanto, a verba não é suficiente para custear todas as necessidades. "Além da ajuda da comunidade, contamos com a venda de livros, chaveiros e canetas para arcar com custos de manutenção e conservação", disse.

Serviço

O Memorial Monsenhor Expedito é aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h às 17h. O acesso é gratuito.

Fotos Marcelo Barreto



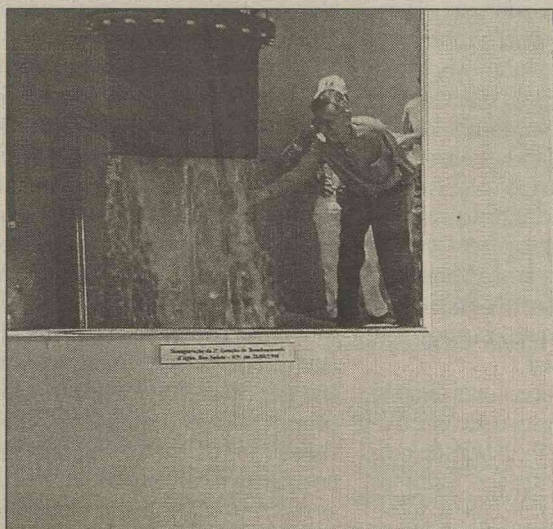
Estátua do Monsenhor Expedito enfatiza a sua luta contra a seca no RN



Coordenadora do memorial mostra as dependências



A rede de dormir e os aposentos do Monsenhor Expedito



Todos os cômodos da casa retratam a simplicidade de vida do Monsenhor Expedito que durante 56 anos residiu ali

REGISTRO A HISTÓRIA DE UM DOS MAIS IMPORTANTES CARNAVAIS DO RN

Fotos D'Luca

Macau

Museu Carnavalesco Colô Santana



Ap princípio, mais parece uma loja de artefatos carnavalescos. Sem uma placa que identifique o funcionamento do único espaço destinado a resgatar a história do Carnaval de Macau, resta ao visitante, na maior parte das vezes, descobrir por acaso o Museu Carnavalesco Colô Santana. Localizado em frente ao mercado público, num ponto privilegiado, onde todos os blocos passam durante o Carnaval, o museu guarda mais de quatro décadas de história da festa mais popular da cidade, considerada uma das maiores e mais bem organizadas do Estado.

Fundado em 25 de janeiro de 2001, o museu surgiu por iniciativa de dois amantes do carnaval de Macau, que durante vários anos reuniram peças, fotografias e diversos textos que remetiam aos temas carnavalescos. Francisco Raimundo de Santana é um deles. Atual diretor do museu, ele conta que o objetivo central é manter a tradição das festas de outrora, além de levar às novas gerações a história da tradicional festa carnavalesca do município.

"Aqui temos um trabalho de zelar pela cultura original do carnaval da cidade e trazer de volta o frevo e o samba, não deixando que o axé seja totalmente predominante, fato que vai acontecer caso este trabalho acabe", disse, complementando que, atualmente, é possível encontrar objetos e fotografias da história carnavalesca local desde o ano de 1968 até os tempos atuais, passando pelas imagens do primeiro trio elétrico da cidade até a coleção de camisetas dos blocos de axé que chegaram recentemente à festa.

Começou sem nenhum tipo de



Francisco Raimundo com fantasia do tradicional bloco Azes do Ritmo

ajuda, hoje, o museu conta com o apoio da Prefeitura Municipal, que destina verbas para o pagamento dos salários de seis funcionários, além de aluguel e despesas com água e energia do prédio. Francisco conta que, mesmo recebendo incentivo, o museu passa por diversas dificuldades. "O espaço físico é muito limitado e mal iluminado, sendo apenas uma única sala para acomodar todo o acervo, que é bastante vulnerável à umidade e ao calor. Além disso, a comunidade está sempre doando peças, e já não há mais espaço para elas. Precisamos ainda de um computador para que possamos catalogar todo o material".

Dessa forma, o acervo está disposto sem uma devida organização, onde o visitante ainda sofre dificuldades de locomoção entre os corredores, formados pelas diversas fantasias, troféus, adereços e bandeiras, além de painéis foto-



Colô Santana é a mais antiga foliã de Macau e dá seu nome ao Museu

gráficos. "Ainda podemos somar a isso a nossa inexperiência com museu. Estamos adquirindo conhecimentos através de cursos em Natal, e até já solicitamos um técnico que possa nos ajudar nessa organização e catalogação", explicou.

Segundo Francisco, a Prefeitura criou um projeto que visa construir um espaço que acomode os museus da cidade, inclusive o "Museu Marinho Seu Manuê", que fechou há cerca de cinco meses. "Embora aqui estejamos bem localizados, o projeto promete um espaço maior e mais adequado para expormos o acervo".

O Museu Carnavalesco Colô Santana recebe visitantes durante todo o ano, principalmente estudantes e turistas, sendo que o período de maior visitação se dá em dois momentos: no mês de setembro, quando ocorrem as comemorações de aniversário da cidade, e outro no carnaval. "Apesar

RECONHECIMENTO

O nome do museu, Colô Santana, é uma homenagem a uma das mais antigas foliãs de Macau. Aos 79 anos e mais de meio século dedicado ao carnaval, Colô fundou o primeiro bloco de rua da cidade, o "Bloco das Vitórias", que ainda hoje permanece vivo. Por motivos de saúde, este foi o seu primeiro ano da carnavalesca a observar a festa de sua casa, de onde sai o seu bloco, hoje coordenado por sua filha, Antônia dos Santos. "O carnaval está cada vez melhor e mais bonito. Fiquei muito satisfeita com a homenagem prestada pelo museu", disse Colô. Outros blocos tradicionais do carnaval de Macau são "Imperadores do Samba", "Beija-Flor" e "Azes do Ritmo", com idades entre 48 e 50 anos de fundação.



O acervo do museu é basicamente formado por fantasias, troféus carnavalescos, adereços, troféus de tribos de índios, inclusive o mais antigo - Troféu Tupi Guarani, de 1951.

das dificuldades, o museu serve como uma rica fonte de pesquisa sobre o carnaval de Macau, além de ser o único local do Estado a possuir um museu sobre essa festa tão popular", concluiu.

Serviço

O Museu Carnavalesco Colô Santana é aberto de segunda à sexta-feira, das 7h às 18h. A entrada é gratuita.

PROVIDÊNCIAS ACERVO DE 5 MIL PEÇAS ACOMODADO EM GALPÃO

Museu Histórico José Euviro

De início, era um museu particular, fundado em 5 de novembro de 1952 pelo autodidata João de Aquino, de 82 anos, que durante anos vinha juntando pedaços da história de Macau, sem nenhum tipo de incentivo. Quando em 1974 a Câmara Municipal de Macau reconheceu o Museu Histórico José Euviro como entidade de utilidade pública, foi como se João de Aquino tivesse recebido um presente, já que ele passaria a receber recursos municipais. No entanto, o apoio vindo por parte da Prefeitura é irrisório e mal dá para custear a limpeza do local, um galpão doado por uma indústria salineira, também em 1974.

Naquele depósito, localizado no centro da cidade, a história do Museu Histórico José Euviro, assim chamado em homenagem ao pai de João de Aquino, a princípio, tomaria um novo rumo. Como havia mais espaço, as peças seriam bem distribuídas, e os visitantes poderiam se locomover com

maior liberdade. Contudo, o que se pode perceber é um acervo que guarda mais de 5.200 peças dispersas e sem uma organização tematizada. O recurso para manutenção dessa grande coleção é de apenas R\$ 60, por mês, segundo conta Gilson Barbosa Lima, um dos dois funcionários do museu.

De acordo com ele, o museu expõe peças, objetos, fotografias e documentos que resgatam a história de Macau e de toda a região adjacente, e até mesmo manuscritos originais que provam que 9 de setembro de 1847 é a data oficial de emancipação política da cidade. "Tudo foi organizado com o que tínhamos. Sem espaço para tematizar, vamos colocando as peças onde couber", explicou.

Dessa maneira, é possível encontrar, num primeiro momento, uma exposição de arte sacra que pertenceu ao Monsenhor Joaquim Honório, reconhecido como "Santo Macaense", e, logo mais, peças da época da escravatura,

revistas e máquinas da imprensa da década de 1980, além de fósseis de animais marinhos e da região, peças da indústria salineira, muitos objetos pessoais de João de Aquino e uma rara coleção de mais de dez mil selos de 46 países.

Todo o acervo foi catalogado em 1995. Mesmo assim, esse trabalho não mais atende aos padrões exigidos, além de que o museu recebeu novas peças desde esse período, doadas pela comunidade ou compradas e trocadas por João de Aquino. "Estamos precisando urgentemente de um novo inventário e de um novo tombamento", esclareceu Gilson.

Sem manutenção por vários anos, Gilson conta que o acervo vem sofrendo com as infiltrações e o salitre. "Sem iluminação e climatização adequadas, o local não tem nenhuma estrutura para acomodar essas relíquias. Inclusive, o museu chegou a fechar por quatro anos, de 2000 a 2004, até que a Prefeitura realizou uma operação tapa-buracos".

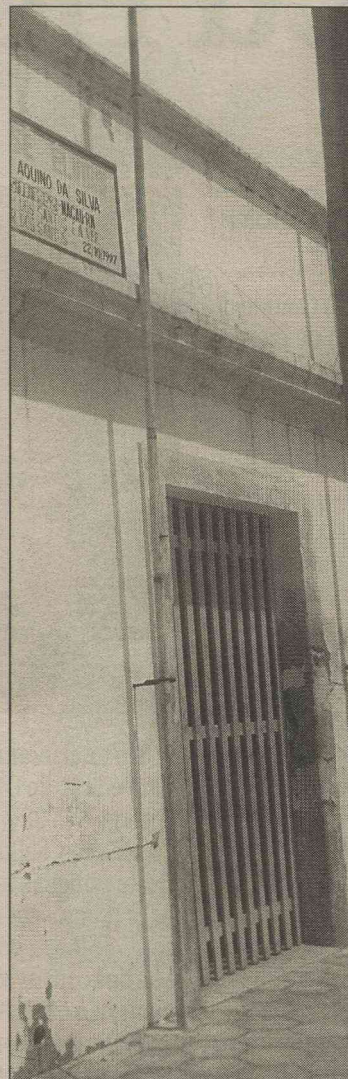
Mesmo com tantas dificuldades, o museu recebe visitantes frequentemente, em sua maioria estudantes, professores, pesquisadores e turistas. Para Gilson, mesmo parecendo morto, o museu é bastante vivo. "Temos um trabalho permanente com as escolas, que sempre estão presentes realizando pesquisas das mais diversas, em especial sobre a história de Macau". Segundo ele, a média de visitação por ano varia de 3.500 a 4.000.

Por mais de cinco décadas, ele estima que o museu tenha servido a cerca de 50 mil pesquisas e recebeu mais de cem mil visitas de pessoas vindas de vários estados do Brasil e de outros países. "Vejo aqui uma grande riqueza dentro de uma caverna", concluiu Gilson.

Fotos D'Luca



Desde 10 anos de idade, João de Aquino mantém paixão por objetos antigos



Museu passa por muitas dificuldades

Serviço

O Museu Histórico José Euviro é aberto de segunda à sexta-feira, das 7h às 11h e das 14h às 17h. A entrada é gratuita.

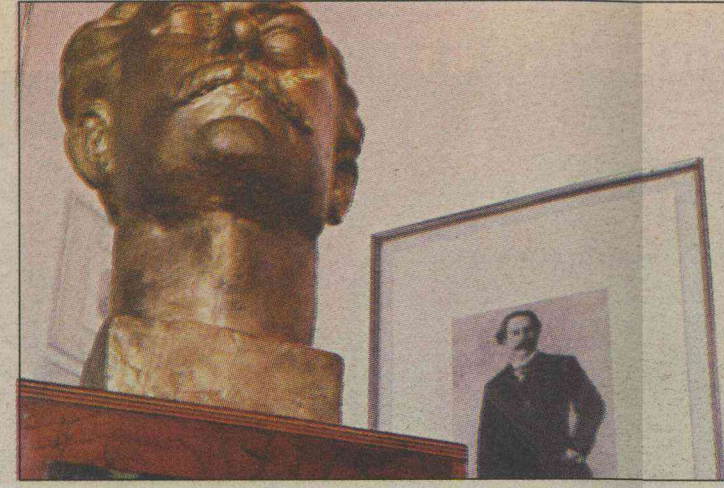
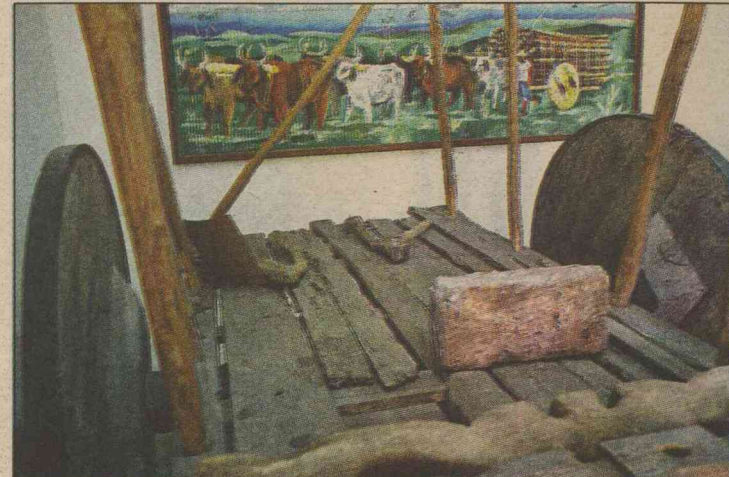
Há 64 anos residindo em Macau, João de Aquino, natural de Assu, dedicou todo esse tempo a colecionar objetos antigos. Atualmente, está impossibilitado de continuar trabalhando no galpão, mas não deixou o hábito de continuar procurando por peças que marcaram a história da cidade que escolheu para viver. Essa paixão surgiu quando ganhou de sua madrinha uma imagem de Sant'ana, datada de 1936, no dia da primeira comunhão. "Foi quando prossegui a minha vocação de juntar as coisas e anotar os acontecimentos", conta o colecionador que só tem o Ensino Fundamental, mas que sempre cultivou o hábito da leitura.

Devoto do Monsenhor Honório, João, aos dez anos de idade, já estava montando sua primeira exposição com objetos doados pelo cardeal. Em 2004, o pesquisador, como é mais conhecido na cidade, publicou o seu primeiro livro, "O Monsenhor Honório que conheci", guardado junto com uma coleção de livros pessoais, bíblias e imagens sacras num ambiente em sua casa, batizado por ele como "Memorial João de Aquino". O espaço expõe objetos de valor sentimental para João, como a própria imagem de Sant'ana e um crucifixo de Jesus Cristo com mais de 300 anos, além de vários cálices e outros objetos doados pelo Monsenhor Honório.



Gilson Barbosa explica que recursos recebidos são insuficientes para manutenção

Foto Marcelo Barreto/DN



RESGATE AS IMPRESSÕES DA EQUIPE DE REPORTAGEM DO DN SOBRE O TRAJETO QUE PERCORREU EM BUSCA DOS MUSEUS

Museu rico em acervo e grande em desafio

FRANCISCO FRANCERLE E ADRIANA AMORIM
DA EQUIPE DO DN EDUCAÇÃO

Viajar todas as regiões do Rio Grande do Norte em busca de registro de museus históricos foi um verdadeiro desafio para a equipe de reportagem do DN Educação. Um trabalho que começou há um mês, quando publicamos a edição dos Museus do Seridó. Naquela ocasião foram 800 km percorrendo município por município da região mais tradicional do estado. O resultado foi simplesmente impressionante, colhemos um rico material e publicamos um caderno de 20 páginas que já está servindo para pesquisa em sala de aula do Ensino Fundamental, Médio e até das Universidades, justamente como havíamos previsto.

Agora, entre os dias 25 de abril a 04 de maio realizamos mais quatro viagens, desta vez por várias regiões do estado. Na maior percorremos 1.163 Km, passando por Macau, Alto do Rodrigues, Areia Branca, Mossoró, Apodi, Martins, Frutuoso Gomes, Antônio Martins e Assu. As outras somaram 730 km, visitando Angicos, Macaíba, Arez, Pedro Avelino, São Paulo do Potengi, Ceará-Mirim e Touros, num total de dezesseis municípios e vinte museus visitados. Desses, dezessete encontravam-se em pleno funcionamento, e um parcialmente, Museu Lauro da Escóssia, em Mossoró. Em Ceará-Mirim e Pedro Avelino, os museus Nilo Pereira e Capitão Antas, respectivamente, encontram-se fechados há vários anos. O último, no entanto, está passando por uma reforma há seis meses.

Foto Frankie Marcone/DN



No total foram 1.893 km rodados para esta nova edição do DN Educação que está mais recheada. São 32 páginas contendo os museus das regiões Salineira, Agreste, Oeste e Alto-Oeste potiguar, além de Natal e dos três projetos de museus existentes em Areia Branca, com o Museu do Sal; e em Apodi e Antônio Martins com os Museus Históricos. Vários dos quais não oficiais.

Praticamente nenhum dos museus visitados tem instalação totalmente apropriada (ar condicionado, guias, desumificadores, locais de pesquisa, fácil acesso, acervo digital, organização temática). São em geral antiquários do tipo "não toque em nada", e quem tiver problema respiratório não entre. A maioria abre apenas nos dias da semana, o que impede que a maior parte do público possa visitar nos tempos livres, que seria à noite, fins-de-semana e feriados.

NATAL

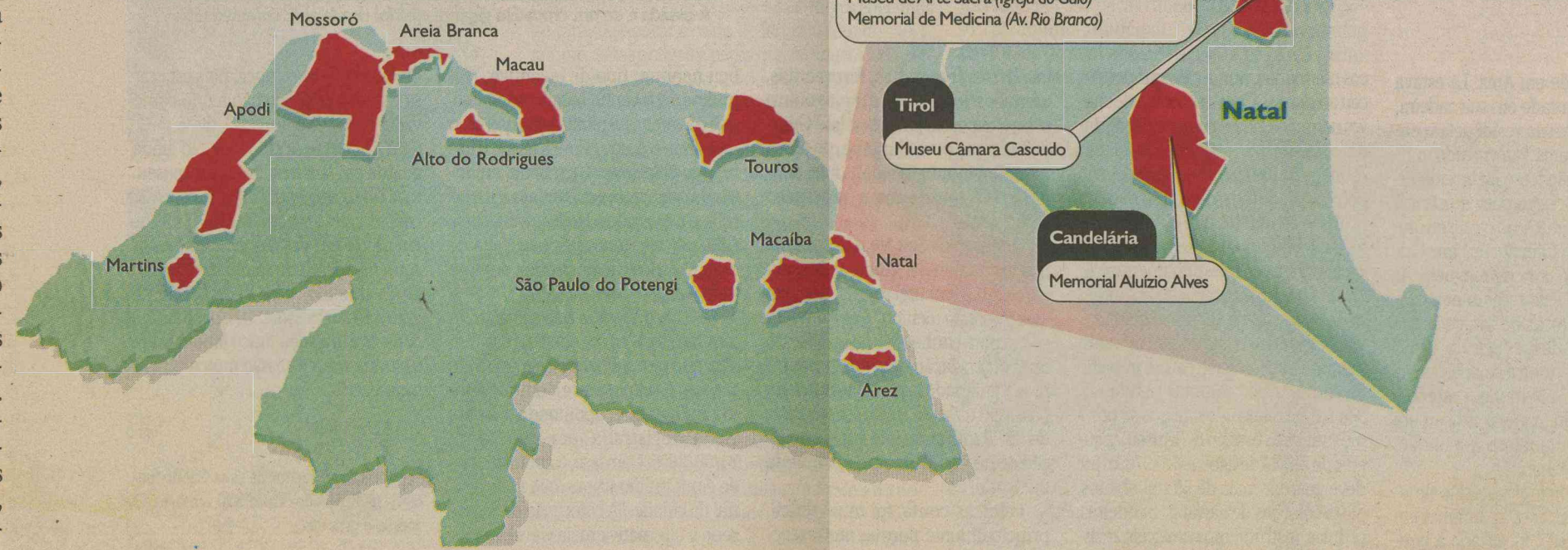
Como não poderia deixar de ser, o maior número está presente na capital, com cerca de quinze museus. Neste trabalho divulgamos os principais. Todos recebem visitas de escolas e pouquíssimos cobram ingresso, as exceções são os Museus do Lajedo Soledade, Forte dos Reis Magos e o museu de Arte Sacra de Natal, que cobram taxa simbólica. O público-alvo de todos os museus é formado por estudantes, professores, pesquisadores, em sua maioria. No caso dos turistas, eles são mais afluente nos museus de Natal, principalmente o do Forte dos Reis Magos, que faz parte do roteiro de city tour da cidade. Os demais só recebem visita de turistas interessados no roteiro cultural.

Com relação aos acervos, a maioria teve participação da comunidade, que doou peças. Praticamente todas as instituições possuem problemas estruturais, algumas em menor escala, como é o caso do Museu do Lajedo de Soledade, mantido pela Petrobras. Alguns museus do interior nem sequer têm fachada ou placas que sinalizem o visitante. Poucos são os que têm guias e/ou alguém com formação especializada. Quando muito possuem jovens guias, que são bolsistas temporários do Ensino Médio. A impressão que se tem em muitos desses museus é que acolhem também funcionários em fim de carreira e até desestimulados para o serviço. Eles até têm boa vontade, mas falta conhecimento específico. Em alguns casos mais parecem cabide de emprego, e olhem que isso não é exclusivo do interior, na capital a situação não é diferente.

Concluimos que, apesar de todo o esforço da atual gestão do Governo do Estado, no sentido de dotar os museus de melhores condições de funcionamento, o setor ainda é um grande desafio. Pois não é questão apenas de poder público, é preciso o envolvimento da sociedade, das escolas, igrejas, terceiro setor, empresários do ramo de turismo. E estes, é necessário que se conscientizem que Natal não possui apenas praias bonitas, tem também uma vida cultural e que museu faz parte da história da cidade.

Atualmente, os pontos que não integram o roteiro turístico sofrem com a falta de divulgação. Museus como o de Arte Sacra e a Casa de Café Filho deveriam ser mais conhecidos conhecidos e a Pinacoteca do Estado, que fica dentro do Palácio da Cultura e abriga obras dos maiores artistas plásticos potiguares, em um prédio amplo e bem localizado e não recebe muitas visitas. Afinal, a Pinacoteca ainda sequer existe oficialmente e ainda está muito longe de ser a casa das artes plásticas. É preciso revigorarmos os nossos museus de forma sustentável, não bastando somente encher um casarão antigo de peças históricas, é preciso sabermos contar sua história de forma que o ouvinte tenha interesse de voltar e ouvi-la outras vezes. É preciso a conscientização para um trabalho junto com as escolas, envolvendo as secretarias municipais de Educação, estudantes e professores. Porque Isso é cultura latente, isso é ser museu vivo, como alguns se auto-proclamam, sem ainda sequer ter consciência de interação com a sociedade.

Foto Marina Leiros/DN



DEDICAÇÃO FORMADO A PARTIR DO ESFORÇO DO SEU NÔ E DOAÇÕES DA COMUNIDADE

Arez

Fotos Marcelo Barreto



Museu Clidenor de Lima Galvão



A ossada é de um crocodilo gigante, que foi doada pela comunidade

Fim de tarde em Arez. Lá estava Seu Nô sentado em sua cadeira, na área de sua residência e em meio aos familiares. Parecia tudo tranqüilo e talvez não fosse incômodo retirá-lo do aconchego para mostrar à equipe do DN Educação o museu que leva o seu nome, Clidenor de Lima Galvão. "Isso não é hora de ninguém vir fazer entrevista", falou seguro, demonstrando uma autoridade característica dos militares. E de fato, Seu Nô, como é conhecido em toda a cidade, é militar da reserva da Marinha. Posteriormente questionado se o museu era particular, prontamente respondeu: "Cuido do que é meu!".

Não demorou muito até que ele levantasse e começasse a caminhar em direção ao museu, localizado a pou-

cos metros dali, numa casa que pertenceu ao seu pai. Com um molho de chaves nas mãos, pacientemente foi abrindo cadeado por cadeado, que eram muitos, comprovando o grande zelo pelo local. Sentou-se numa cadeira próxima ao quadro que expõe sua foto, e ali, olhando fixamente para baixo, aguardou os questionamentos.

O primeiro foi a respeito do número de peças. "Deve ter umas quinhentas", respondeu com simplicidade, ressaltando que nunca se deu ao trabalho de contar. Após algumas perguntas, Seu Nô foi relaxando, até que se pôs a mostrar cada espaço do museu, inaugurado em 23 de agosto de 1978, e que deve guardar mais de 50 mil objetos, entre coleções de garrafas, bandeiras, cédulas, instrumentos musicais, revis-

tas, livros, fotografias, ferramentas, utensílios domésticos, e muitas outras coisas, expostas em seis salas. "Guardo tudo que posso juntar e que possa representar antigüidade", disse, definindo seu museu como 'um espaço heterogêneo'.

O museu de Seu Nô não tem uma proposta definida, como ele mesmo enfatizou. "Procurei reproduzir o que assisti quando menino". Por isso, quem chega para conhecer, apenas observa uma organização dos objetos por temas, "guardados da melhor maneira possível", disse ele, que já investiu mais de R\$ 20 mil, entre reformas e aquisição de peças. "Tudo aqui é comprado ou doado".

O início, conta, foi muito difícil, principalmente porque nunca rece-

beu nenhum tipo de incentivo. "Há muitos anos venho batalhando nisso, que é a minha inspiração. Já nasci com este dom, e desde criança tenho o hábito de colecionar", explicou, enfatizando que sempre costumava ir a museus e exposições. Hoje, aos 84 anos, Clidenor não tem mais paciência de estar à disposição do museu, durante todo o dia.

"Só abro mesmo quando alguém tem interesse em conhecer, pois tem dias que eu venho, fico de manhã até à noite, e não aparece nem mosquito", indignou-se, apontando a última visita registrada em seu livro: 24/08/2005. Com isso, o apoio que pede é um prédio numa área mais central da cidade. "A colocação de placas seria a alternativa mais viável, mas aí

precisaria de segurança, pois esta casa é muito grande e não tenho como vigiar todos os cômodos", disse.

Além desse acervo, Seu Nô ainda guarda em sua casa um mini-museu, mas este é somente dele. "Tudo o que considero extremamente importante, guardo lá em casa, e só quem visita sou eu", disse com simpatia, salientando que toda essa dedicação é de grande valor pessoal. "O que mais me consola é que meu único filho sempre costuma dizer que isso nunca vai desaparecer".

Serviço

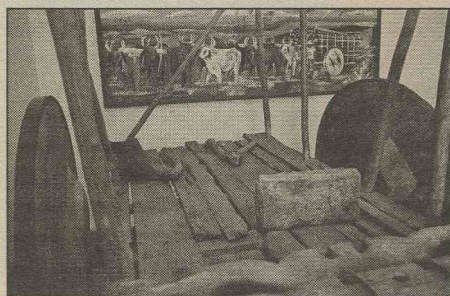
O Museu Clidenor de Lima Galvão funciona na Rua Padre Pinto, 390, em Arez. O acesso é gratuito.

TEMÁTICO **O SEGUNDO ENGENHO DO RN FOI TRANSFORMADO EM MUSEU E HOJE É UM MARCO HISTÓRICO NO MUNICÍPIO**

Macaíba



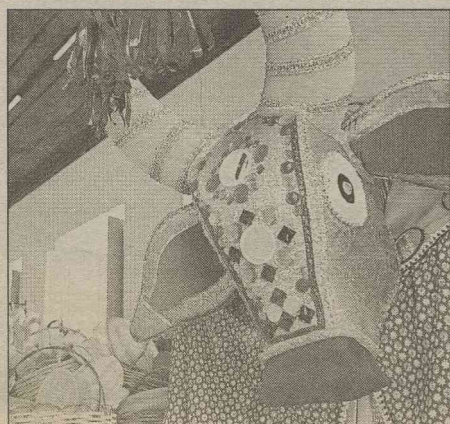
Fotos Marcelo Barreto



Os carros de boi marcaram a nossa cultura



Único museu com fotos de todos ex-prefeitos



Exposição de adereços de grupos folclóricos

Marco histórico de Macaíba, o Solar Ferreiro Torto destaca-se por remontar ao ano de 1614, quando era conhecido por Engenho Potengi, o segundo erguido na Capitania do Rio Grande. O local chegou a ficar abandonado por quase um século e conta-se que a região foi palco de inúmeros conflitos entre holandeses, portugueses e indígenas. Bastante destruído pelos combates, em 1847 o prédio foi reconstruído em estilo colonial português, sendo tombado pelo Patrimônio Estadual em 1979. Entre 1983 e 1989, foi sede do Poder Executivo Municipal, e a partir do início da década de 1990, sob administração do Estado, virou o Museu do Solar, que logo fechou, reabrindo precariamente quatro anos depois, em 1994.

No ano seguinte, o Solar passou para administração da Prefeitura de Macaíba, mas o museu só foi totalmente reaberto em 2003, quando sofreu pequenos reparos e atualização de acervo. Hoje, o casarão expõe fotografias históricas da cidade e de momentos marcantes, arte sacra e peças usadas nos antigos engenhos de cana-de-açúcar e casas de farinha, além de cadeiras, utensílios antigos e peças que retratam a vida cultural, religiosa e econômica do município.

Atualmente, da antiga construção de taipa, restam apenas ruínas do engenho, de uma senzala e de uma capela. Além disso, o complexo oferece aos visitantes duas opções de trilhas ecológicas. O Solar fica numa área de seis hectares, arborizada, às margens do rio Jundiá, e sua origem é remota, faltando muitos dados acerca de sua história, inclusive a origem do nome, como explicou o Secretário Municipal de Cultura e Turismo, Marcelo Augusto de Medeiros Bezerra, que também é coordenador do museu.

De acordo com ele, o museu tem o intuito de resgatar a história de Macaíba, principalmente através de fotografias. "Foi dada ênfase à coleção de fotos porque nelas podemos ver personalidades da cidade, a exemplo de Auta de Souza, Augusto Severo e Tavares de Lira", disse, citando também imagens do primeiro carro da cidade, do primeiro fotógrafo e do primeiro radialista. "Preservamos os ilustres e os importantes, além de que somos a única cidade do Esta-

do a ter as fotos de todos os ex-prefeitos".

O Museu do Solar é dividido por temas, estando no piso inferior as salas do engenho e da mandioca, bem como uma dedicada somente ao folclore da cidade. No piso superior estão as salas das amas de leite e das personalidades, com destaque para as imagens históricas do município. "Tudo está disposto de uma maneira didática, e já estamos com uma proposta de treinar trinta estudantes para serem guias-mirim, pois, além de aprender e viver a história, irão repassá-la para os visitantes", destacou, apontando que, além dele, há um historiador que também atua como guia.

O Museu do Solar recebe de trinta a quarenta pessoas por semana, mas esse número chega a trezentos no segundo semestre do ano. "As escolas da cidade trabalham junto aos estudantes, durante todo o primeiro semestre, a teoria da história de Macaíba, e a partir de agosto elas os trazem para aulas de campo", explicou, ressaltando que o acervo é formado por 350 peças catalogadas e tombadas pelo Patrimônio Municipal. "Temos aqui moedas com mais de cem anos e peças de produção artesanal que não existem mais".

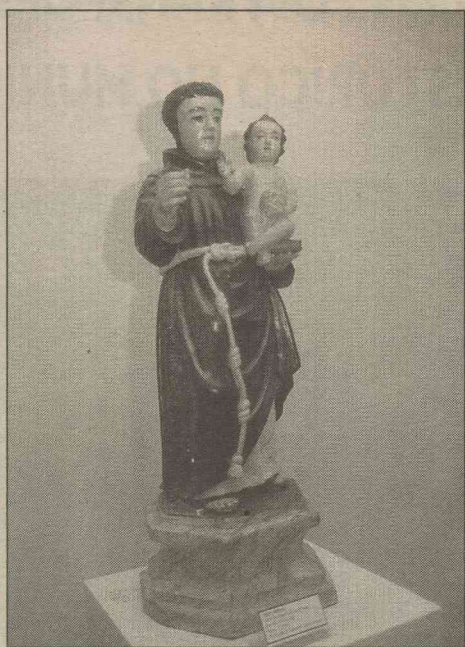
Serviço

O Museu do Solar é aberto de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. O acesso é gratuito.



Marcelo Augusto, em frente ao casarão e ao lado da uma estátua que homenageia um escravo

Natal



CATÓLICA LOCALIZADO NA IGREJA SANTO ANTÔNIO, MUSEU REÚNE OBJETOS DA FÉ

Museu de Arte Sacra

Fotos Frankie Marcone

Integrando a rede de museus da Fundação José Augusto, o Museu de Arte Sacra foi um desejo expresso de Luís da Câmara Cascudo nos anos 40. Aprovado para funcionar em 1987, pelo Ministério da Cultura, através do Sistema Nacional de Museus, o Museu de Arte Sacra tornou-se realidade em 28 de março de 1989. Instalado na Igreja Santo Antônio, mais conhecida como Igreja do Galo, o Museu recebeu muitas peças para a formação do seu acervo doadas pelas paróquias, convento Santo Antônio e dos próprios fiéis e devotos.

O acervo é composto por imagens, pinturas, alfaias, mobiliário, ourivesaria e pratarias utilizados no culto religioso. Também presentes as imagens e os oratórios de camarinha. É um bom manancial da imaginação do Século XVII ao XX, exibindo a devoção doméstica de nossa população interiorana.

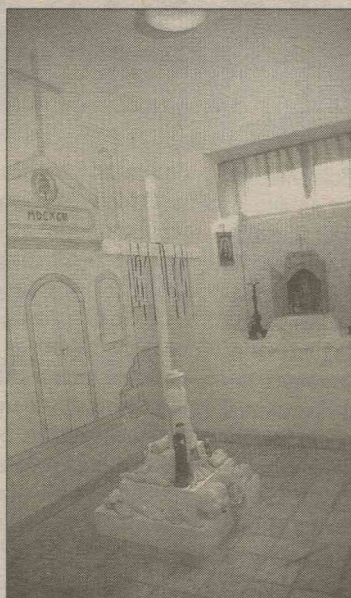
Além disso, o museu pretende reunir documentos, inventariar e expor objetos de arte religiosa do Estado, cujo patrimônio, pela sua qualidade e importância histórica, merece ser preservado. Atualmente possui nove funcionários e duas guias jovens. Mantido pela Fundação José Augusto, o acesso ao Museu não é gratuito, é cobrada taxa de

R\$ 1,50 para adultos e R\$ 0,75 para estudante.

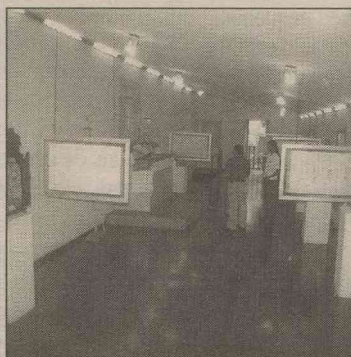
Quanto ao suntuoso prédio da Igreja do Galo, foi a terceira igreja construída em Natal, (acredita-se que foi concluída em 1766) e é representante do estilo Barroco. Ao seu lado encontra-se o Convento Santo Antônio, que antigamente era a Casa de Estudos Seminaristas da Diocese.

Ao entrar no museu é inevitável a nostalgia de estar voltando no tempo. No primeiro salão, as grandes naves de igrejas, pintadas expostas na parede remetem-nos a séculos passados. Algumas das peças mais importantes como a tela "Padre Francisco de Brito Guerra", que foi senador do Império (1877-1845), de autoria de Moura Rabelo; e o "forro da nave da Matriz de Goianinha, Nossa Senhora dos Prazeres", de autor desconhecido.

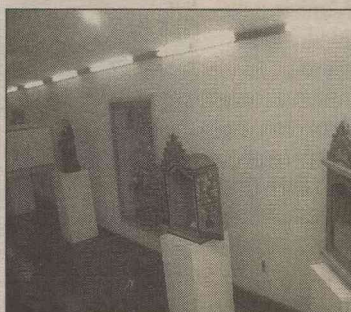
No segundo salão, o visitante pode contemplar as diversas vestimentas litúrgicas dos padres, que, dependendo da celebração muda de cor. A branca simboliza a vitória, a paz, a alma pura, é usada nos casamentos e festas de natal; a rosa remete à alegria, a verde é sinônimo de esperança e a roxa é para ocasiões de penitência; já o vermelho simboliza o martírio, é usada no domingo da paixão.



Acervo faz parte do culto religioso



Organização do museu é impecável



Oratório, símbolo da fé em todo RN



A igreja Santo Antônio é mais conhecida como Igreja do Galo, conserva estilo barroco

Serviço

Aberto de Terça-feira a Sábado, das 9h às 17h.
Domingo, das 11h às 17h.
Endereço: Rua Santo Antônio, Igreja do Galo - Centro. Telefone: (84) 211-4236

POTIGUAR MEMORIAL ABRIGA
RELÍQUIAS DO EX-PRESIDENTE

Museu Café Filho



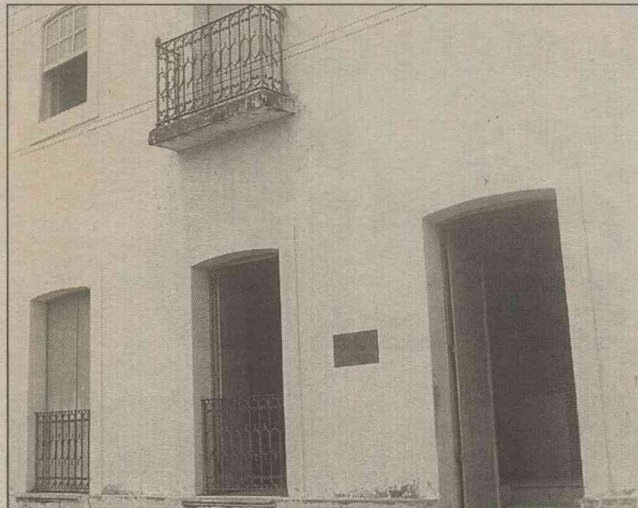
Foto D'Luca

Apesar de possuir um acervo bastante reduzido, o museu abriga algumas relíquias históricas, fotografias, móveis antigos, livros e documentos sobre o presidente João Café Filho, o único nordestino-grandense a ocupar a presidência da República, incluindo aspectos biográficos e informações sobre a vida política, com registro de fotos de suas viagens e de suas campanhas. O museu dispõe, também, da biblioteca particular do presidente e de parte do mobiliário de sua residência, vinda do Rio de Janeiro.

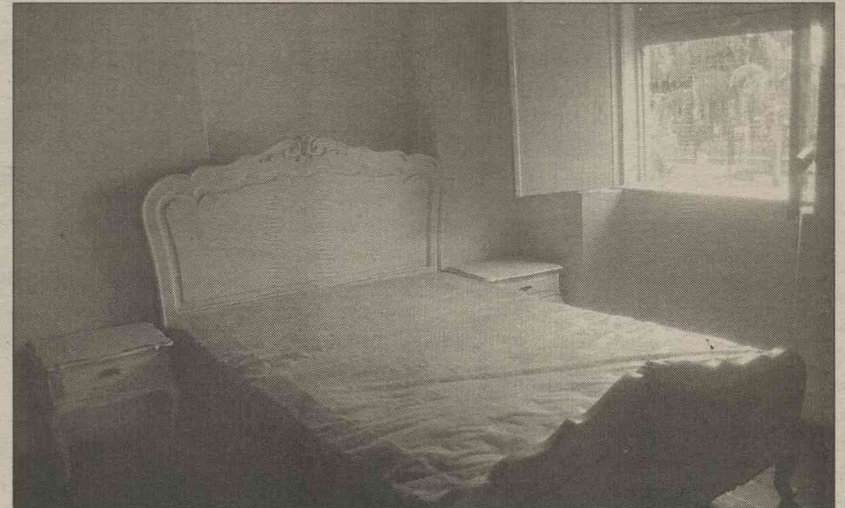
Construído entre 1816 e 1820 por José Alexandre de Melo, o prédio que abriga o museu foi a primeira casa assobradada de propriedade particular em Natal. Com dois pavimentos e edificada em estilo colonial, a casa também é conhecida como "sobradinho" e "véu de noiva", devido a forma em declive acentuado do seu telhado. Foi residência até o início deste século, passando a ser sede do Sindicato dos Trabalhadores e da Banda de Música.

Adquirido pelo Governo do Estado em 1960, foi tombado e restaurado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, passando a abrigar o Museu de Arte e História do Rio Grande do Norte, de 1965 a 1978. No dia 12 de março de 1979 passou a sediar o Museu Casa Café Filho, justificando sua relação histórica com o patrono. Neste sobrado, Café Filho fez militância política, criou e presidiu por dois anos o Sindicato dos Trabalhadores.

Ligado à Fundação José Augusto, o Museu Café Filho possui 13 funcionários responsáveis pela conservação e manutenção do acervo. Registra uma média de 50 visitas mensais, a maior parte turistas e estudantes do ensino fundamental, um número ainda reduzido para a importância de Café Filho para o Es-



Sobrado do Museu, na rua da Conceição, na Cidade Alta



A cama, a cômoda e criados-mudos lembram o quarto do ex-presidente Café Filho

tado e para o país.

SALA DE ESTAR

Na sala de visitas estão os móveis do seu apartamento em Copacabana, da década de 30, e seu tapete persa adquirido por Café Filho em uma viagem ao Irã. Os móveis e o lustre originais também estão lá. Nas paredes, podemos ver fotos de Café Filho recebendo visitas na mesma sala, e quadros com fotos de sua infância e juventude, além de uma rápida biografia e um vaso em cerâmica branca oferecido pela cidade de Blumenau (Santa Catarina).

CONDECORAÇÕES

Nas duas salas de condecorações, encontram-se fotos que registram importantes momentos de sua vida política e o fraque com o qual tomou

posse como vice-presidente, além das várias comendas recebidas.

BIBLIOTECA

A biblioteca de Café Filho também foi transferida para o Museu, mas os livros não podem ser consultados. As estantes que encerram a biblioteca, a escrivaninha usada pelo presidente, exemplares de seu livro de memórias - Do Sindicato ao Catete - e um quadro com fotos, reproduções de jornais.

EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

Podemos ver a certidão de nascimento de Café Filho (expedida aos 37 anos), uma medalha de bronze (abaixo) originalmente pertencente ao Tribunal de Contas do antigo Estado da Guanabara e doada ao museu Casa Café Filho, além de objetos

personais e mais fotos.

QUARTO

No andar superior estão a Cama, cômoda, criados-mudos e quadros do quarto de Café Filho. Neste pavimento também funciona a administração e o Laboratório de Conservação.

UM POUCO DE CAFÉ

João Café Filho nasceu em Natal em 3 de fevereiro de 1899. Teve uma infância pobre na casa de número 22 da antiga Rua do Triunfo, hoje Quinze de Novembro, no bairro da Ribeira, em Natal. Ele foi registrado no dia 9 do mesmo mês, apenas com o nome de João. Somente em 1936, já com 37 anos, é que adota o nome do pai.

Durante o curso básico, Café Filho frequentou o Colégio Americano, o Grupo Escolar Augusto Severo, a Escola Normal e o Ateneu Norte Rio-Grandense, todos em Natal. Mesmo sem concluir seus estudos superiores, baseado apenas na sua experiência prática junto aos tribunais conseguiu aprovação em concurso

para advogado do Tribunal de Justiça. Passou então a atuar na capital e no interior do estado, quase sempre em defesa de estivadores, tecelões, pescadores e outras categorias de trabalhadores, tornando-se em pouco tempo advogado de grande prestígio junto às camadas populares e alvo de pressões por parte das oligarquias dominantes.

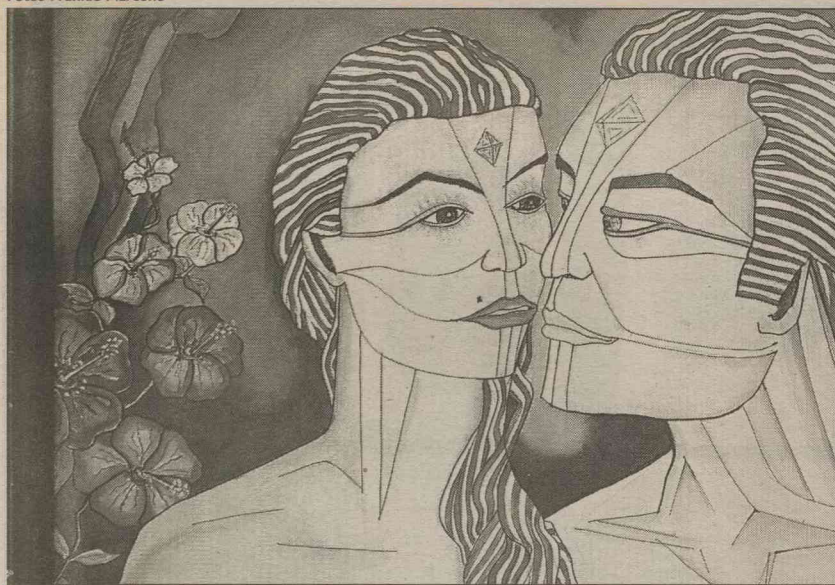
Com a revolução de 1930 ocupou a Chefia de Polícia, e em 1934 foi eleito deputado federal, participando ativamente da vida política nacional, sendo eleito em seguida, Vice-Presidente da República em 1951, na chapa de Getúlio Vargas. Com o suicídio do político gaúcho assumiu a presidência da República, governando durante pouco mais de um ano. Morreu no Rio de Janeiro, em 20 de fevereiro de 1970.

Serviço

Aberto de 3ª a Sábado das 08h às 18h
Rua da Conceição, 601 - Cidade Alta
Telefone: (84) 3221-2938



Fotos Frankie Marcone



O acervo da Pinacoteca reúne móveis antigos, várias relíquias do Palácio Potengi e coleções com cerca de 500 obras dos principais artistas plásticos do Rio Grande Norte

Edifício de características neoclássicas, construído entre 1865 e 1873, o Palácio Potengi, atualmente é o Palácio da Cultura e Pinacoteca do Estado. O prédio foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e hoje é destinado a abrigar manifestações culturais e artísticas da cidade.

Projetado pelo engenheiro Ernesto Augusto Amorim por determinação do presidente da província Olinto José Meira, o prédio inicialmente funcionou o Tribunal do Júri, a Assembléia Legislativa e Tesouraria. Considerado um exemplo da arquitetura neoclássica foi em 1965, tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Conservado e administrado pela Fundação José Augusto desde 1996 passou a ser espaço cultural abrigando em suas dependências um acervo de cerca de 500 obras.

Um passeio pelas salas da Pinacoteca do Estado vai nos permitir contemplar as obras dos principais artistas plásticos do nosso Estado. A diversidade criativa é uma das marcas da Pinacoteca, onde artistas como Abraham Palatnik, Cícero Dias, Raul Córdula, Newton Navarro, Dorian Gray, Maria do Santíssimo, Jordão, Ana Antunes, Vicente Vitoriano, dentre outros, convergem para uma pluralidade estética, representando relações com várias escolas artísticas.

No acervo existem algumas coleções, cuja sensibilidade do artista se mistura à nostalgia dos suntuosos salões do Palácio, criando um ambiente perfeito para o apreciador da arte. São coleções principalmente de autores potiguares como Newton Navarro, Dorian Gray, Moura Rabelo, as coleções de gravuras (litografias, xilogravuras, gravuras em metal e desenhos de artistas, e as talhas trabalhadas em madeira, do escultor mossoroense, Manxa.

O acervo das artes visuais da Fundação José Augusto foi construído gra-

PLÁSTICAS PINACOTECA DO ESTADO ESTÁ SITUADA EM ÁREA NOBRE DA CIDADE ALTA

Palácio da Cultura

dativamente, ao longo dos anos, na sua grande maioria por doação dos artistas. Poucas obras foram adquiridas através de compra. A Pinacoteca dispõe de peças em seis núcleos expositivos, além do mobiliário antigo do Palácio. Possui, também, salas reservadas para exposições de artistas, ou para outras atividades culturais, tais como seminários, recitais e lançamento de livros. O acervo da Pinacoteca do RN cumpre etapa importante. Seus quadros começam a sair da reserva técnica para serem expostos no interior do estado.

PRINCIPAIS OBRAS:

A Restauração do Palácio

O sonho do diretor da Pinacoteca do Estado, o artista plástico Vatenor, é a restauração do Palácio da Cultura e das coleções de obras recentemente doadas para a Pinacoteca e estão sob a guarda da Fundação José Augusto. "A restauração vai oferecer ao prédio condições de trabalhar uma nova concepção das artes plásticas, mostrando não apenas peças raras, mas sobretudo, as inovações no setor e

ambientação das salas de acordo com a temática e com a época de criação das peças. Com a restauração, cada sala deverá ser nomeada com um nome de um artista plástico do Rio Grande do Norte.

As doações recebidas pela Pinacoteca foram de quatro trabalhos gráficos de vários artistas nacionais e do escritor e crítico Geraldo Edson de Andrade, além de outras doações inéditas de artistas locais, captadas pela diretora da Fundação José Augusto, Isaura Rosado, que serão apresentadas após a restauração e reabertura da pinacoteca. Dentre as doações estão artistas como Madé Weiner, Pedro Pereira, Ulisses Leopoldo, Lourdenete e outros.

Mas se a restauração é importante, muito mais importante ainda é a criação oficial da Pinacoteca, pois só existe de fato, de direito não. Foi criada verbalmente, falta ser por decreto. "O meu sonho é ver a Pinacoteca oficializada, até porque já perdemos de receber muitas doações devido essa situação de informalidade. Precisamos ter uma direção, um departamento de museologia para fazer pes-

quisas, a preservação e manutenção das peças., outro de restauração Outro projeto de Vatenor é a troca de informações entre os museus e pinacoteca dos vários estado do país.

Aberto de terça a domingo, a Pinacoteca recebe de 300 a 400 visitantes ao mês. A presença maior é de estudantes tanto de nível médio quanto superior. A reabertura está prevista para o dia 15 de julho, quando teremos em pauta, possivelmente mais de 30 exposições.

AS OBRAS RARAS

O Julgamento de Frei Miguelinho, obra do pintor Antônio Parreiras, encomendado pelo então governador Ferreira Chaves em 1918, em 1817 e foi pintado em Paris. O quadro retrata a Revolução Pernambucana de 1817, é uma das maiores relíquias do Brasil. Antônio Parreiras, artista carioca, que morreu em 1917, foi premiado internacionalmente durante o tempo em que viveu na Europa.

O pintor Antônio Parreiras, encomendado pelo então governador Ferreira Chaves em 1918, em 1817 e foi



Artista plástico Vatenor, diretor da Pinacoteca do Estado

pintado em Paris. O quadro retrata a Revolução Pernambucana de 1817, é uma das maiores relíquias do Brasil. Antônio Parreiras, artista carioca, que morreu em 1917, foi premiado internacionalmente durante o tempo em que viveu na Europa.

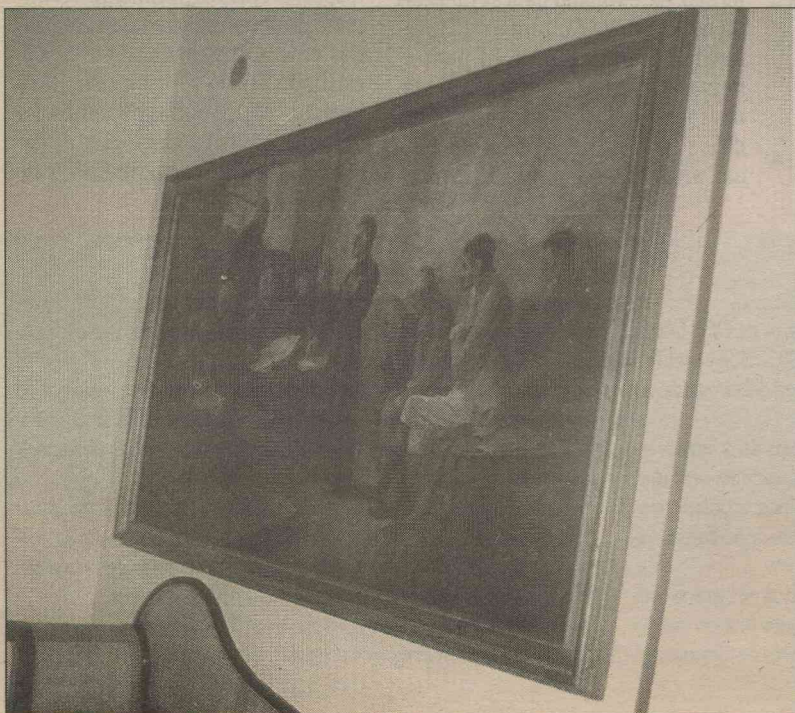
A outra relíquia é o "Buda de Laos", estatueta doada pelo suíço Fritz Alain Gegauf (FAG) à Fundação José Augusto, em 17.05.2001. O Buda foi comprado no castelo "Schloss Herblingen", na Suíça do Dr. Rutishauser, até 1981, era um dos mais procurados e famosos decoreres na Europa. valor do Buda é estimado. A cidade de Laos faz fronteira com o Vietna, China, Tailândia e Birma. A estatueta data do fim do século 12. Outras obras raras são os quadros do artista potiguar, reconhecido mundialmente, Abraham Palatinik, o pioneiro no mundo na arte cinética (ou arte em movimento). Para se ter uma idéia um objeto cinético de sua autoria custa em torno de US\$ 40 mil.

Serviço

Das 8:30 às 17h, de terça a domingo Praça Sete de Setembro, Cidade Alta, Natal (RN). Fone: 84 3211.4620



A Sala do Governador, uma das mais visitadas no Palácio da Cultura, um conjunto de móveis antigos e uma galeria com fotos de todos os governadores do Estado que trabalharam no Palácio Potengi

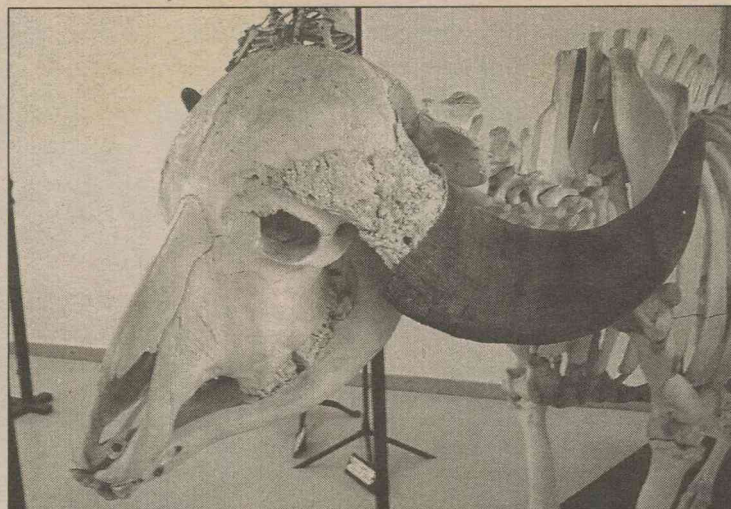


Duas das principais relíquias expostas na Pinacoteca do Estado: o quadro sobre o julgamento de Frei Miguelinho, pintado em 1918, e o Buda de Laos, estatueta confeccionada no Séc. XII

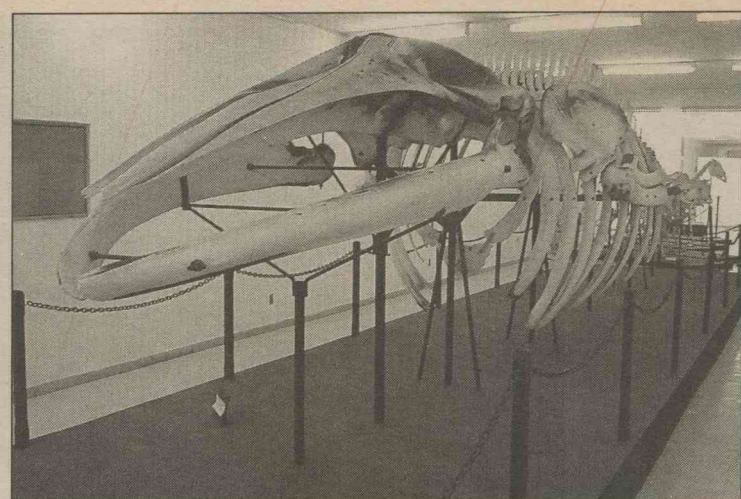




Máscara importada da Angola



Coleções de esqueletos de mamíferos permitem o estudo sobre anatomia



Esqueleto de baleia que encalhou no litoral do Rio Grande do Norte



O museu faz a distribuição por município dos fósseis encontrados no estado

COLEÇÕES A FISIONOMIA DO RN ATRAVÉS DAS MAQUETES

Museu Câmara Cascudo

Criado em 22 novembro de 1960, o Museu Câmara Cascudo é o que possui maior acervo e o que possui um maior fluxo de visitantes em Natal. Ligado à Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), e com um perfil caracteristicamente universitário, com vertentes de pesquisa e extensão, ele é voltado para as Ciências da natureza, da Cultura e da Museologia. Contém exposição permanente de fósseis, sedimentologia, anatomia comparada, ambientes, ciclos de couro e da cana-de-açúcar, artes sacras e popular, arqueologia, indíologia e culto afro-brasileiro.

De acordo com vice-diretora do Museu Câmara Cascudo, professora Wanní Fernandes, o acervo é composto por coleções, maquetas, miniaturas, reproduções de ambientes e peças avulsas, que fazem parte da exposição permanente e se encontram dispostos em dois pavimentos. O número de peças registradas e catalogadas é de aproximadamente 2.500, existindo 3.500 a serem registradas e inventariadas, e outras peças nos departamentos de Arqueologia e de Paleontologia composto de fósseis de

PRINCIPAIS AMBIENTES

1- Litorâneo - Reconstituição aproximada de um ambiente de praia. O cenário é composto por uma réplica de casa de pescador com o uso da técnica profissional da taipa e diversos apetrechos utilizados na pesca artesanal, tais como: jangada, covos, cestos e redes.

2- Reconstituição do ambiente: o painel destaca uma representação do pleistoceno, época geológica com duração compreendida entre 10 mil e 2,2 milhões de anos. Apresenta a megafauna típica, como preguiças e tatus gigantes, elefantes e tigres dentes de sabre. No RN estima-se que esses animais viveram há cerca de 12 mil anos. Complementa reconstituição uma da área fossilífera com representação esquemática de depósitos conhecidos como tanques, onde na maioria das

vezes são encontrados fósseis.

3- Espeleologia - Reprodução parcial da caverna de Olho D'água da Escada, município de Baraúna/RN Localizada a 300 Km de Natal. Trata-se também de um dos primeiros locais de pesquisa desenvolvida pelo Museu na área de paleontologia.

4- Mina Brejuí - Reconstituição de uma mina de scheelita, localizada no município de Currais Novos/RN. Uma maquete reproduz o processamento desse minério de grande importância econômica local na década de 70. Trata-se de uma doação da Mineração Tomaz Salustino, 1975.

5- Sala do Sal - Apresenta o sal e sua relevância na história econômica do RN. Tem por referência a Salina "Diamante Branco", localizada no município de Galinhos/RN. Reconstitui, através de uma maquete,

o processo de extração e beneficiamento do produto. Destaca a interação entre o ciclo biológico e produtivo do sal. Instalação doada pela Salina Diamante Branco.

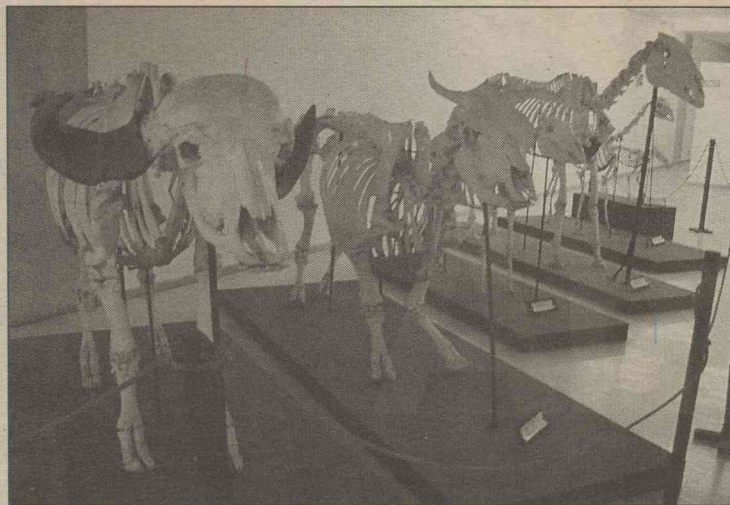
6- Anatomia comparada - Coleção composta de esqueletos de animais recentes, onde predominam os mamíferos, evidenciando aspectos morfológicos que permitem estabelecer entre as diversas espécies semelhanças e diferenças.

7- Paleontologia - Estudo de vestígios paleontológicos. São mostrados moldes em gesso e uma pegada original de dinossauros encontrada na Bacia de Sousa, contendo impressões de gotas de chuva, datado do cretáceo, 65 milhões de anos.

8- Paleomastozoologia - Apresenta fósseis de mamíferos de grande porte, representantes da fauna que viveu no RN, na época Pleistoceno.



Pegadas de animais pré-históricos que habitaram o interior do estado



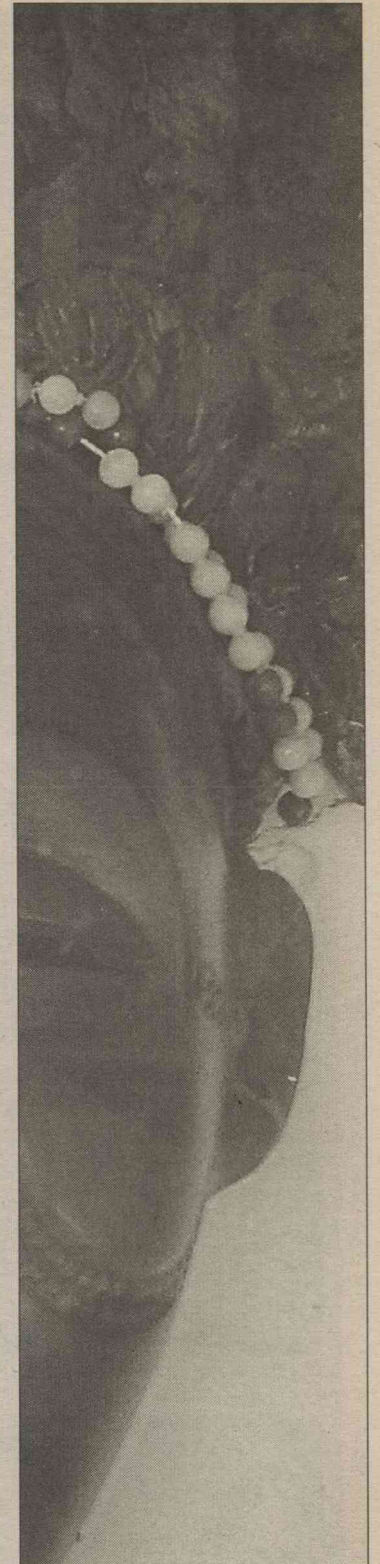
Esqueletos despertam a curiosidade das crianças e pesquisas de estudantes



Fachada do Museu Câmara Cascudo, na avenida Hermes da Fonseca



A sala do sal reproduz a importância do minério para a economia do RN



retratando o sincretismo africano

invertebrados da Formação Jandaíra, Bacia Potiguar, e vertebrados típicos da megafauna quaternária do RN (cerca de 2.000 registradas e "n" peças a serem estudadas, registradas e inventariadas).

O Museu "Câmara Cascudo" tem por missão a conservação, preservação, investigação, exposição e divulgação do patrimônio histórico, natural e cultural do RN sob sua guarda, a formação e ampliação de coleções referentes a esse patrimônio que servem de suporte ao desenvolvimento e atualização das atividades científicas e pedagógico-culturais.

PRÉDIO

O prédio do MCC é de propriedade da UFRN, sua localização fica na Av. Hermes da Fonseca, 1398 - Tirol, Natal/RN, Brasil. A sua construção teve início em 1964, as obras ficaram a cargo da UFRN, em terreno doado pela Sociedade de Assistência aos filhos de Lázaro, através de seu Presidente Dr. VARELA SANTIAGO. A área total é de 11.766,72 m², compreendendo uma área coberta de 4.502,64 m², distribuída entre o Setor de Exposição e Divulgação, laboratórios, salas de aula, salas de professores, biblioteca, administração, oficinas etc.

cênica (12 mil anos atrás) encontrados em depósitos como tanques, cavernas, lagoas e ravinas.

9- Ciclo da Cana de Açúcar - Apresenta o processo artesanal de moagem e transformação da cana através da reprodução de uma Bolandeira Cangula. Toda em madeira. Essa moenda era usada nos engenhos acionados por tração humana ou animal. O ciclo de cana de açúcar teve apogeu no RN nos séc XVIII e XIX.

10- Ciclo do couro - Ressalta a interação do homem com o ecossistema, através do conjunto formado pela vestimenta de couro e apetrechos usados pelos vaqueiros nordestinos.

11- Etnografia Indígena - O acervo está representado por objetos de uso doméstico, estéticos, rituais e lúdicos. Os objetos ilustram aspectos culturais de grupos e nações locali-

zados nas diversas regiões do país.

12- Arqueologia Pré-histórica - Coleção composta por material lítico de pedra lascada e polida, tais como, pontas de projétil, raspadores, machados, fusos, pilões e batedores, utilizados pelos grupos indígenas Macrogê, Cariri, Tarairiu e Tupi. Destacam-se também objetos em cerâmica Tupi.

13- Arte Sacra - A coleção é composta por peças de culto doméstico das escolas baiana e pernambucana do Séc. XIX e as famosas paulistinhas, além de um número considerável dos mestres do Seridó do Séc. XX. A produção mais atual nem sempre tem por função suprir as necessidades devocionais, sendo adquiridas como obras de arte ou souvenir. Representado pela arte de Chico Santeiro, Ana Dantas, Luzia Dantas e Júlio Casciano, Ivan Soares.

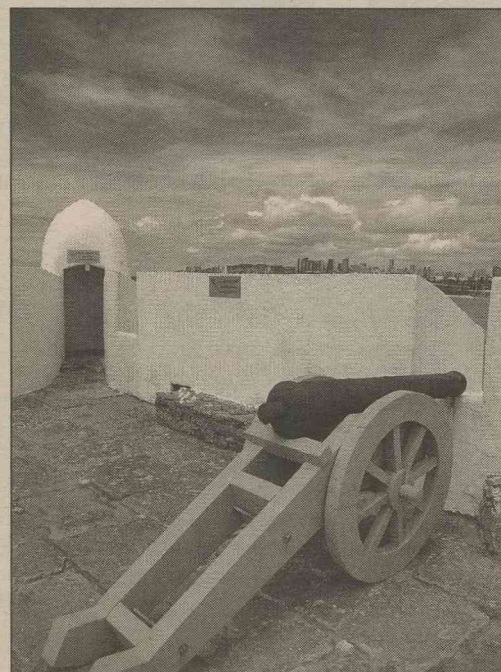
14- Arte da Tradição - Acervo formado por um conjunto de peças esculpidas em madeira e barro, que ilustram cenas do cotidiano representando parte do saber fazer da tradição norte-rio-grandense. Destaca-se a reprodução de um teatro de bonecos, também conhecido como mamulengo ou João redondo que traz a assinatura de José Soares de Assis, conhecido como Zé Relâmpago, Dona Dadi

15- Arte e religião afro-brasileira - Apresentam a reconstituição aproximada de um altar ou peji que representam objetos pessoais, cores e indumentária alguma das principais divindades ou orixás cultuados no Brasil. Em Natal(RN) predominam, sincretismo entre o formalismo do cadomblé baiano, do xangô pernambucano e da umbanda que inclui a contribuição dos povos nativos através da linha dos caboclos.

Fotos Frankie Marcione



A capela do Forte, sinônimo de fé dos portugueses, e devoção dos natalenses aos três Reis Magos



O acervo do Museu conta com seis canhões



Imagens dos Reis Magos, objetos de devoção

MONUMENTO O MUSEU DO FO

O marco de Touros foi transferido para o Forte dos Reis Magos em 1976, onde tem recebido uma maior visita



Construída em 6 de janeiro de 1598, com o objetivo de expulsar os invasores franceses da capitania do Rio Grande, a fortaleza de cinco pontas, com vistas estratégicas para o mar, o rio Potengi e o que veio a se tornar a cidade de Natal, foi a primeira organização militar da capitania e hoje é um dos museus de maior destaque no estado do Rio Grande do Norte.

A Fortaleza dos Reis Magos identifica com placas as salas, quartos, dormitórios e prisões que são apresentados aos visitantes por guias mirins que contam a história do Rio Grande do Norte com bastante entusiasmo. Segundo a museóloga, Silvânia Gomes Lira, coordenadora da Fortaleza, "é muito importante esse projeto dos guias mirins, pois na alta estação a visitação da fortaleza é muito grande". Ainda segundo a coordenadora do museu, o Forte dos Reis Magos é uma das fortalezas

mais visitadas do Brasil, chegando a receber no ano passado mais de 151 mil visitas.

Para o administrador Heriberto de Andrade Pessoa, o grande número de turistas que visitam o museu vêm em busca de conhecer a história do Rio Grande do Norte, e não voltam para casa sem fotografias do local.

O acervo do museu mais visitado do Estado vai além de suas próprias instalações, e conta com seis canhões da época da colonização portuguesa que chegam a pesar até 800kg, alguns móveis já restaurados que datam até 200 anos e o marco de Touros, uma pedra calcária que foi fixada na praia de Touros durante a colonização portuguesa e que significa a consolidação dos direitos de Portugal sobre a nova terra descoberta. O Marco foi transferido para a Fortaleza dos Reis Magos em 1976 para melhor preservação.

Foi ainda nas instalações da



O museu do Forte teve suas instalações revitalizadas permitindo acesso e locomoção a deficientes físicos

FORTE É UM DOS MAIS VISITADOS DO PAÍS

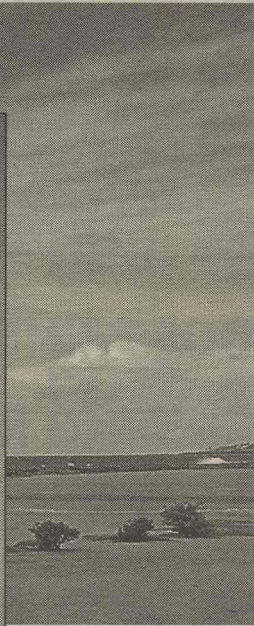
para a Fortaleza dos
 melhor preservação e
 ção

Fortaleza dos Reis Magos

Fortaleza dos Reis Magos que em 1872 foi edificado em ferro o primeiro farol do Estado, o farol dos Santos Reis, retirado pela Marinha do local alguns anos depois.

Devido à importância da Fortaleza para o turismo e para a história do Rio Grande do Norte, o museu teve suas instalações revitalizadas entre os meses de setembro e novembro 2005, sendo reaberto para visitas em 1 de dezembro. Durante as obras, foram ainda instaladas adaptações que permitem melhor locomoção para deficientes físicos e quiosques que serão doados pelo governo do Estado para comerciantes da região, que participarão juntamente com os funcionários do museu, de um curso de qualidade de atendimento, disponibilizado pelo Sebrae.

Até o final do mês junho duas novas exposições poderão ser visitadas nas dependências do museu. "Os olhares sobre a Fortaleza", é a primeira de uma série de exposi-



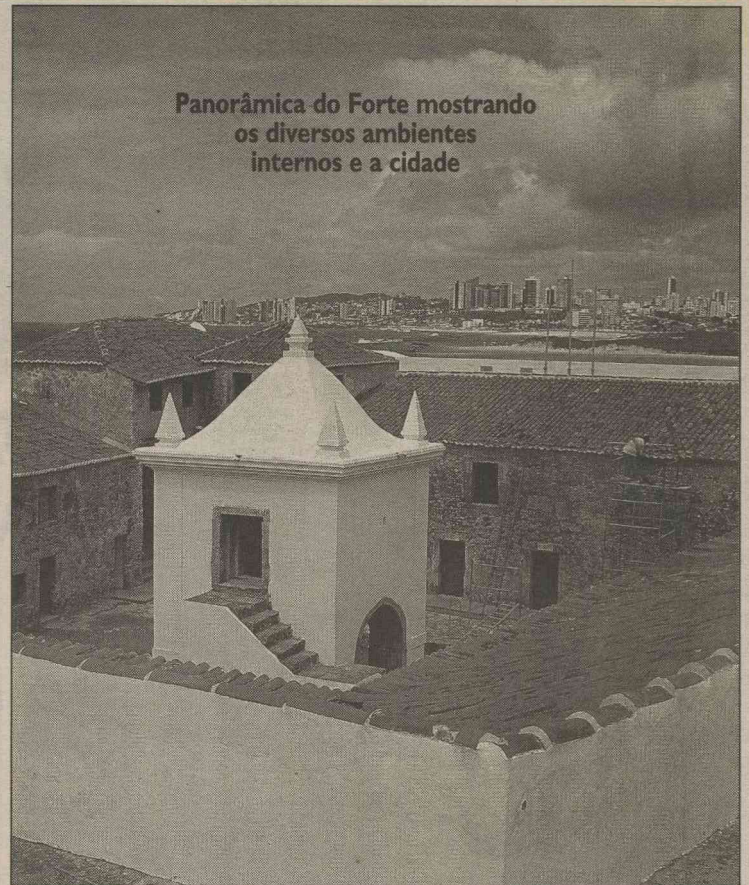
tores que retrataram a Fortaleza dos Reis Magos por diferentes ângulos e percepções.

Conjuntamente com as exposições temporárias, o museu irá contar com outra de longa duração sobre a Fortaleza, que trará painéis com fotos e documentos históricos, bem como cenários que representarão o Brasil Colonial, acessórios indígenas, portugueses e holandeses que retratarão os povos que ocuparam a Capitania do Rio Grande.

A coordenadora do museu reforça, que devido o Forte ser um local também destinado à promoção de eventos para a sociedade, "os artistas que quiserem expor trabalhos relacionados à Fortaleza podem entrar em contato conosco, pois faremos o possível para que eles tenham esse espaço", disse Silvana Gomes. O Forte dos Reis Magos é o prédio mais antigo de Natal e encanta por sua história em defesa da cidade e dos interesses portugueses na invasão holandesa.

ções temporárias previstas pela equipe administrativa da Fortaleza dos Reis Magos, que busca atrair um número ainda maior de visitantes e otimizar a utilização de espaços disponíveis no prédio.

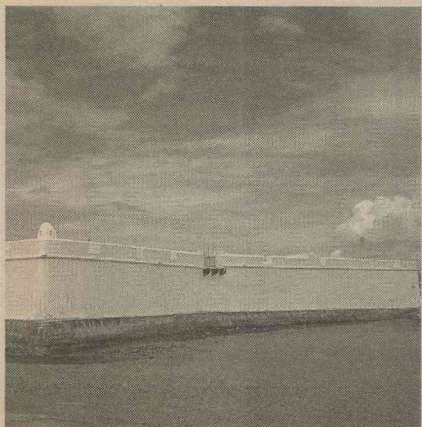
Será uma exposição de pin-



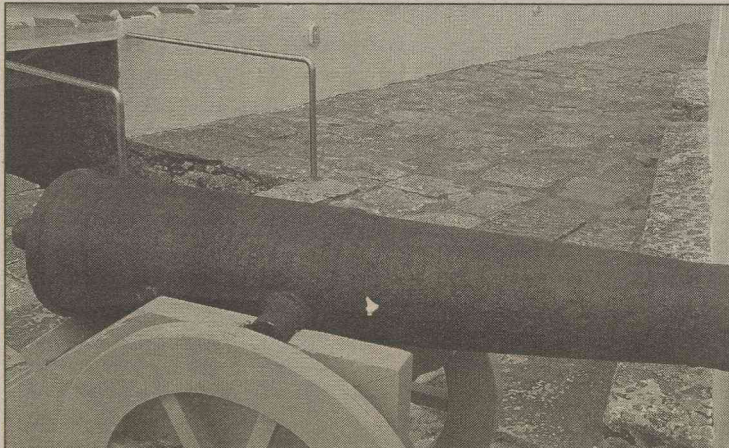
Panorâmica do Forte mostrando os diversos ambientes internos e a cidade



O Forte conta com o apoio e a inteligência dos guias-mirins



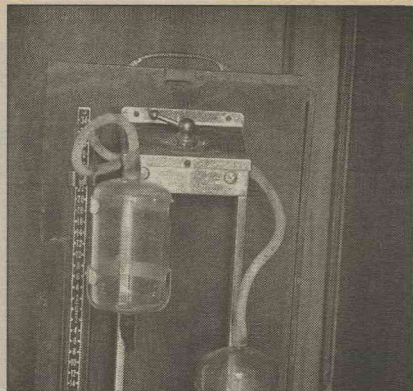
Vista parcial do Forte na principal orla marítima de Natal



Canhões de ferro chegam a pesar mais de 800 kg



A estátua da caridade, simbolizando o leite e o pão,



Equipamento de medir pressão pulmonar



Aparelho de emitir choques elétricos



Fachada do Memorial de Medicina

O coração do criador da Faculdade de Medicina de Natal e do Hospital Universitário, o médico Onofre Lopes da Silva, é a mais importante peça do memorial de Medicina do Rio Grande do Norte. O coração do médico, protegido por um envolto de vidro com formol, está exposto na sala principal do memorial, tendo ao lado as fotos dos pioneiros da medicina no estado. O coração de Onofre Lopes foi doado à instituição por um dos fundadores da Faculdade de Medicina, o médico Iran Diogo, que a pedido do próprio Onofre, momentos antes de morrer, retirou o seu coração, conservando-o em formol e o entregando à família.

Inaugurado em 18 de setembro de 2002, o Memorial de Medicina do RN está instalado numa casa de estilo neoclássico, no Centro da Cidade, na descida da avenida Rio Branco em direção à Ribeira, ao lado do Conselho Regional de Medicina do RN (CREMERN), que é seu mantenedor. De acordo com o guardião do Memorial, Roberto Carlos França da Fonseca e Silva, a instituição é muito visitada por estudantes, principalmente de medicina, além dos próprios médicos.

Já o presidente do Conselho Regional de Medicina, Rubens dos Santos Silva, reconhece que precisa tornar o memorial mais conhecido através da dinamização de projetos que provoquem a interação com todos os segmentos da sociedade.

O acervo foi formado a partir de doações de instituições e de familiares de antigos médicos. O memorial tem à frente novos desafios como a realização de convênios com a Fundação José Augusto para conseguirmos um técnico especializado para trabalhar na

PRINCÍPIO A HISTÓRIA DOS PRIMEIROS PASSOS DA MEDICINA NO RN

Memorial de Medicina

Fotos Frankie Marcone



O coração do médico Onofre Lopes, doado pelo Dr. Iran Diogo, é a principal peça do memorial de Medicina do RN

instituição.

Entrando nas salas do memorial, percebemos vários equipamentos antigos, utilizados em salas de parto e no tratamento com doentes mentais, como são os casos das máquinas de audiometria e de eletroconvulsoterapia, esta última doada pelo hospital Dr. João Machado, e muito utilizada para dar choques em doentes de esquizofrenia. Outros aparelhos muito antigos eram utilizados por oftalmologistas para exames de vista, que pertenceu ao dr. Raul Fernandes (professor da UFRN) e uma máquina de medir a capacidade pulmonar.

Na sala de fotografias estão os médicos que fizeram a história da medicina no RN. O primeiro médico do estado, Luís Carlos Lins Wanderley, formado em 1891, pela Faculdade de Medicina da Bahia; o Dr. Cipriano Barata, idealista e revolucionário; a dra. Yaponira Gluck de Brito Guerra, formada em Recife, em 1940 e do primeiro médico de Natal, dr. Vicente Inácio Pereira, além de Januário Cicco, Onofre Lopes, Antônio Osório Ramalho e o prof. Grácio Barbalho. Uma das fotografias raras é a que aparece o ex-presidente Juscelino Kubitschek, ao lado do norte-riograndense Aderbal Figueiredo e o painel de Leopoldo Nelson Leite, falecido em 1994, que era médico e pintor autodidata.

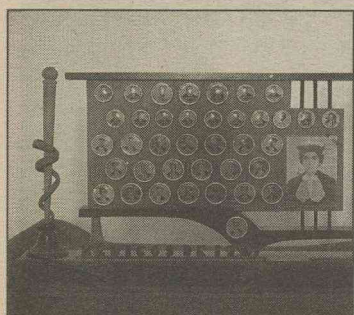
Outra raridade é a Estátua da Caridade, talhada em mármore, na França, no Século XVIII e doada ao Hospital João Machado que repassou para o museu em 15.01.2004, uma verdadeira obra-prima de um artista desconhecido. Aberto de segunda a sexta-feira das 8 às 17h.

Serviço

Av. Rio Branco - Cidade Alta
Telefone: 4006.5333

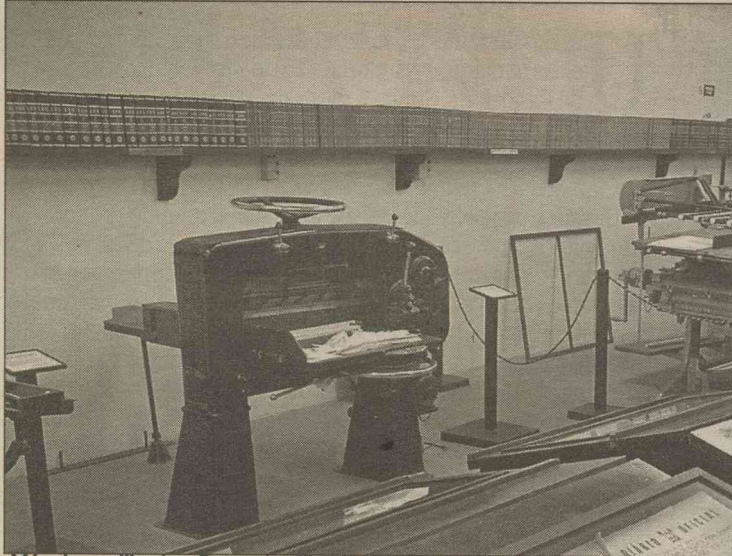


Acervo contém equipamentos antigos



A primeira turma de médicos do RN

Fotos Frankie Marcone



Máquina guilhotina Guarani, utilizada para serviços de corte de papéis

DINÂMICO UM DOS POUCOS
MUSEUS VIVOS DO ESTADO

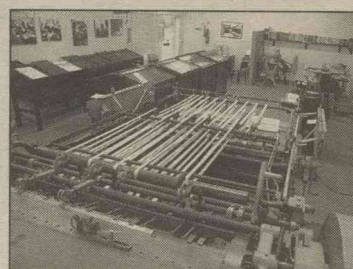
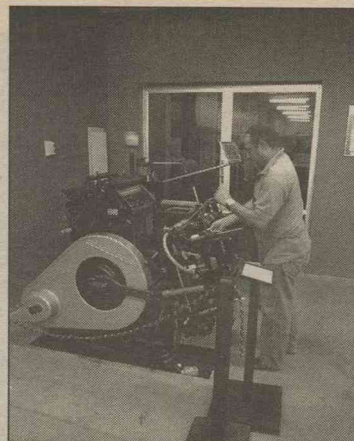
Museu de Imprensa Oficial "Eloy de Souza"

O Museu Eloy de Souza é um museu pioneiro no Rio Grande do Norte, porque foi o primeiro e único deste tipo. A sua história começou desde que o governo do Estado, no ano de 2003, mandou restaurar o prédio onde está funcionando o Departamento Estadual de Imprensa (DEI). Aberto ao público a partir de março de 2004, o museu ganhou o nome definitivo de Museu Eloy de Souza, numa homenagem ao grande jornalista, senador e sociólogo, que por duas vezes dirigiu o jornal "A República", que foi a matriz da Imprensa Oficial do Rio Grande do Norte.

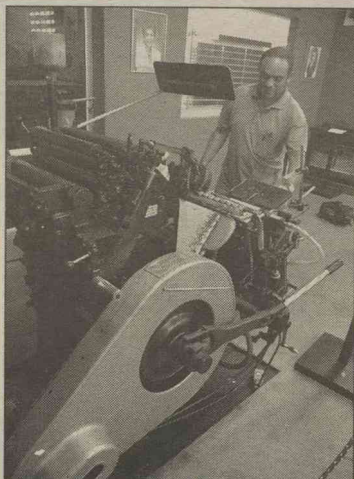
O museu, situado num espaço que é um prolongamento da gráfica do DEI (que antes tivera o nome de CERN - Companhia Editora do Rio Grande do Norte), reúne todo o acervo da imprensa oficial do Estado, desde a fundação do jornal "A República", por Pedro Velho de Albuquerque Mara-

nhão, em julho de 1889. As máquinas antigas foram recuperadas e ficaram aptas a funcionar novamente, nas demonstrações com "visitantes sob o comando de operários ainda na ativa ou já aposentados, mas que espontaneamente se dispuseram a voltar e pô-las em funcionamento.

Desde a sua inauguração, o museu tem recebido visitas principalmente de estudantes da rede pública e privada do Estado, que ficam encantados ao conhecer como era feito jornal antes da era da computação. Nas visitas agendadas, o historiador da casa, Anchieta Fernandes, é quem recebe os estudantes e conta a história da Imprensa Oficial no RN. Eles vêem funcionando a grande Rotoplana dupla, a Linotipo, a Impressora Tipográfica Heidelberg - além de verem preciosidades como a Caixa de Tipos. Os visitantes ainda podem ver outras máquinas como a guilhotina para cor-



Impressora rotoplana, de fabricação inglesa, adquirida na década de 30, para impressão do Diário Oficial e A República



Impressora tipográfica Heidelberg, de fabricação alemã, adquirida pelo DEI na década de 70

tar papel, máquina cantoneira, prensa de encadernação, utilizadas para outros tipos de impressão. E ainda uma galeria de fotos, onde se vê instantes diversos dos gráficos e funcionários que fizeram a história do DEI.

Além das máquinas gráficas e desta galeria de fotos, o museu exhibe exemplares antigos dos jornais "A República" e "Diário Oficial", além do Suplemento Cultural "Nós do RN" e o mais recente Suplemento "Os Três Poderes da República", contendo notícias dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. A impressão desses suplementos é mensal e quinzenal, ambos com capas coloridas, possibilitando aos visitantes do museu Eloy de Souza, a oportunidade de repassarem a evolução visual do jornalismo impresso em nosso Estado.

HISTÓRIA

A história da imprensa está muito



A máquina Linotype, ou linotipo, inventada por Otomoar Mergenthaler, em 1886

marcada pela evolução, ora lenta, ora acelerada, dos equipamentos gráficos. O prelo de Gutenberg (Séc. XV), onde pela primeira vez foram utilizados os caracteres móveis, e o início de uma longa história da tecnologia gráfica. Contudo, só passados cerca de quatro séculos (final do Séc. XIX), com a construção do prelo de Stanhope, totalmente em ferro, é que a tipografia evoluiu acentuadamente.

Senefelder tinha já inventado um novo processo de impressão, sem semelhança com nenhum anterior - a Litografia. Logo em 1811, Frederick Koenig constrói a primeira máquina cilíndrica, e introduz definitivamente o mecanismo na imprensa, facilitando desta forma a reprodução. É desta máquina que partem todos os outros progressos na velocidade da impressão, até às atuais rotativas. O secular trabalho do compositor manual é, entretanto, ameaçado pelo aparecimen-

to da composição mecânica com os sistemas Linotype, Typograph e Monotype. O sistema offset, inventado no princípio do Séc. XX só viria a impor-se no pós-II Grande Guerra, substituindo irreversivelmente a impressão tipográfica tradicional. Entretanto, os sistemas computadorizados e de telecomunicações conquistaram rapidamente a imprensa, permitindo impressões simultâneas e a distância. O Museu da Imprensa permite conhecer alguns destes marcos da tecnologia da imprensa, sistematizados em vários grupos

Serviço

Aberto diariamente de 8:00 às 17 horas, de segunda a sexta-feira
Av. Câmara Cascudo com a Juvino Barreto (Ribeira-Centro)
Fone: 84 3232.6794

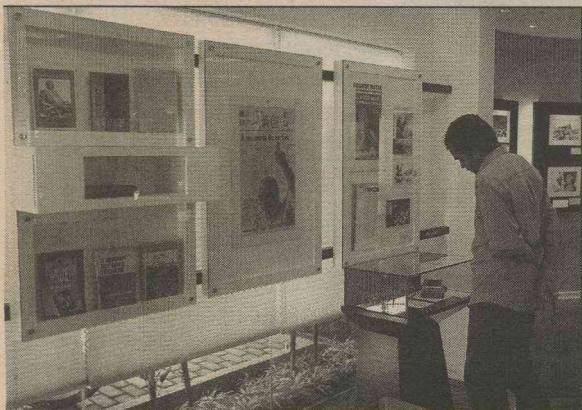
Fotos Frankie Marcione



Os grandes painéis afixados na parede do memorial revelam ao visitante momentos de Aluízio candidato e Aluízio governador

**MEMÓRIA ACERVO É COMPOSTO DE 5 MIL PEÇAS,
QUE SERÁ RENOVADO PERIODICAMENTE**

Memorial Aluízio Alves



As imagens fotográficas, os símbolos de campanha, maquetes e os recortes de jornais revelam as principais lutas aluizistas

Um dos mais novos e mais modernos memoriais da cidade é, certamente, o Memorial Aluízio Alves, situado no Alto da Candelária. Surgiu a partir da iniciativa de Aluízio Alves Filho, que em março de 2004 contratou uma equipe de profissionais que deram início ao projeto que homenagearia o político, jornalista e escritor Aluízio Alves.

Devido à pequena quantidade de material reunido pelo próprio político e por familiares, o grupo com o apoio da então TV Cabugi, idealizou a campanha faça parte dessa história, onde incentivou eleitores e fãs do ex-ministro a doarem peças que simbolizassem a vida e obra de Aluízio Alves.

Todo o material arrecadado na campanha foi analisado, higienizado e documentado e hoje faz parte do acervo de cinco mil peças do memorial que foi inaugurado em 12 de agosto de 2005.

Atualmente, o prédio de 200m² comporta cerca de trezentas peças, entre certidão de nascimento, histórico escolar, fotos, exemplares de jornais, materiais de campanha, cartas, faixas, condecorações e livros; dentre eles, alguns de autoria do próprio Aluízio, como "Angicos", sua primeira publicação.

De acordo com Rose Barreto, museóloga responsável pelo Memorial Aluízio Alves, o objetivo da instituição é renovar o acervo material exposto a cada oito meses, permitindo que o visitante conheça mais sobre Aluízio Alves e a sua importância para o Rio Grande do Norte a cada ida ao memorial. Entretanto, com o recente falecimento do homenageado, o material atualmente em exposição permanecerá à mostra por mais alguns meses.

Desde março deste ano a instituição vem realizando em parceria com escolas e universidades um projeto que busca promover a visitação por grupos de estudantes, que além de conhecerem as peças expostas, assistem a vídeos e ouvem marchas de campanhas políticas e discursos de Aluízio Alves, considerado o mentor do Marketing Político no estado.

"É importante trabalhar com as escolas para que os jovens tenham acesso à história e importância de Aluízio Alves para o Rio Grande do Norte", disse a museóloga.

No memorial disponibiliza ainda a venda de botões e cds com marchinhas de campanhas eleitorais, bem como, os livros "o que eu não esqueci" e "a verdade que não é secreta", de autoria do político que tinha o jornalismo como sua maior paixão.

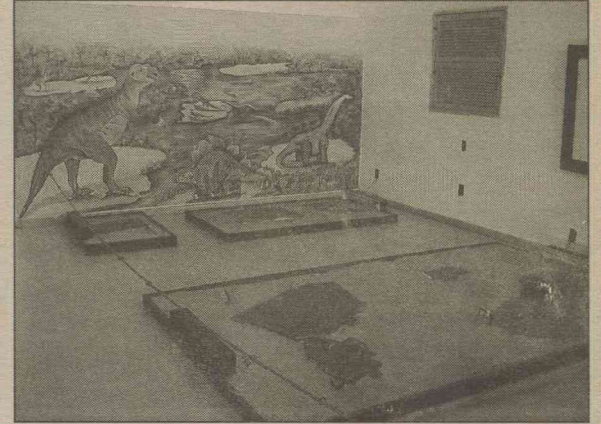
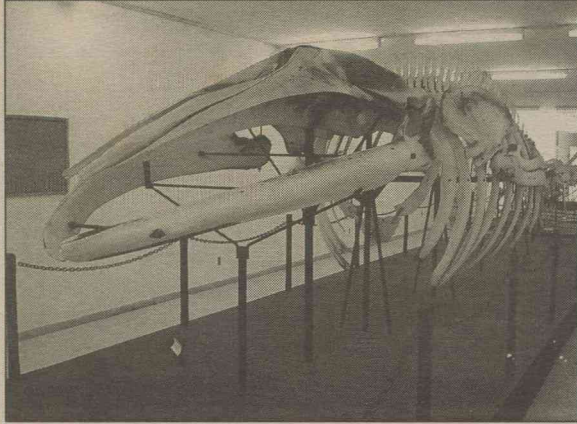


A importância de Aluízio para a vinda da energia de Paulo Afonso

ARTIGO

WANNI FERNANDES

Fotos Marina Leiros/DN



Museus precisam ser espelhos vivos da vida

Ao refletir sobre "Os Caminhos do Rio Grande do Norte" rememorei uma argumentação paradigmática do poeta Antonio Machado: Caminante no hay camino, camino se hace al andar! Significa que não temos a receita certa e definitiva sobre qual bifurcação escolher neste caminhar. Por isso me encontrar num contexto privilegiado, trocando idéias sobre o que é arte, cultura e patrimônio, temas de fóruns internacionais de cientistas, artistas, poetas, filósofos.

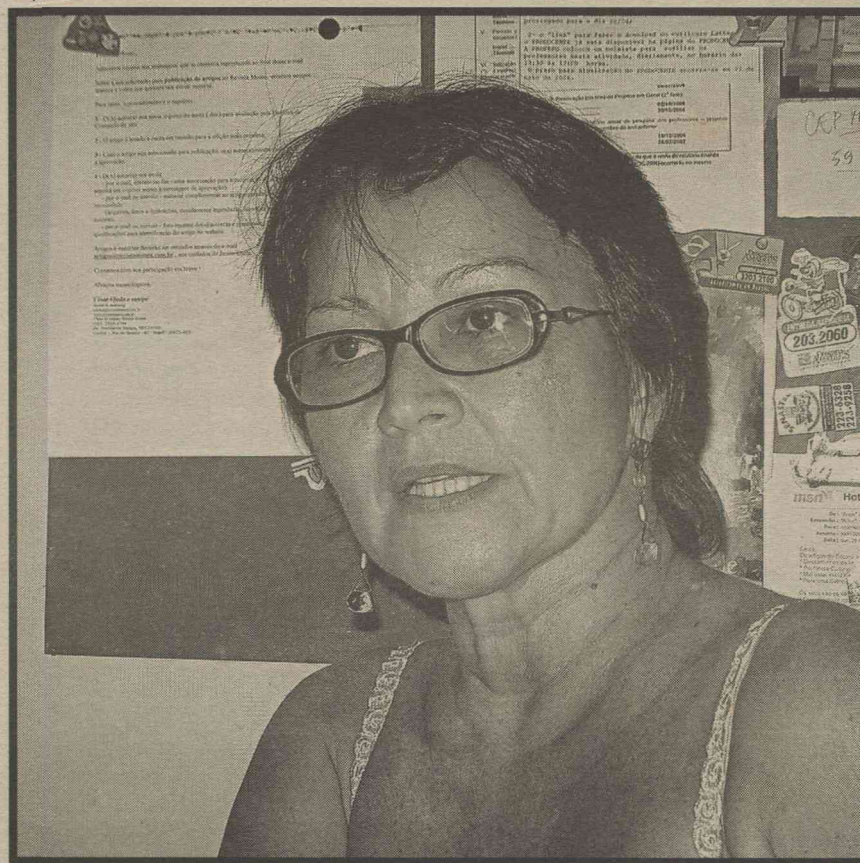
O marco histórico para estes debates, foi a Declaração de Veneza (1986), reconhecendo "a urgência da pesquisa de novos métodos de Educação, tendo em conta os avanços da ciência, que se harmonizam agora com as grandes tradições culturais". Já a Carta da Arrábida (Portugal) destaca que "cada ser humano tem direito a uma nacionalidade, mas como habitante da Terra, e também um ser transnacional". A Declaração Brasileira para o Pensamento Complexo (1998) advoga "uma educação autêntica, processada de modo contextualizado, concreto e global; uma educação que inclua a intuição, o imaginário, a sensibilidade e o corpo na transmissão do conhecimento, e que insista no amor e na amizade como traço construtivo da solidariedade universal".

Entre 1920-1936, são formuladas no País para defesa do patrimônio histórico, concentrado nos Monumentos Arquitetônicos. Em 1923, um projeto de lei cria a Inspeção dos Monumentos Históricos dos Estados Unidos do Brasil, que passa a administrar os bens imóveis públicos e particulares. Interessava ao Brasil, ingressar nos fóruns internacionais coordenados pela UNESCO e tornar-se signatário das Cartas Patrimoniais, como a Carta de Atenas (1931).

Mário de Andrade no ano 1936, inclui a noção de Patrimônio Artístico Nacional "entendido por todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, e aos organismos sociais e a particulares nacionais ou estrangeiros, residentes no Brasil". Esse patrimônio é reunido em oito categorias: arte arqueológica; ameríndia; popular; histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e estrangeiras. Além de ressaltar a necessidade de preservação desse patrimônio, defende que sejam catalogadas "todas as manifestações culturais do homem brasileiro" e sugere a criação de museus temáticos, vinculados às produções econômicas.

Em 1937, a Inspeção transforma-se no Serviço do

Arquivo/DN



Patrimônio Histórico e Artístico Nacional / SPHAN, no contexto da reorganização do Ministério da Educação, pelo então ministro Gustavo Capanema. No ano seguinte, amplia-se, então, o universo patrimonial: "conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico". Em ambas, a natureza não é reconhecida como patrimônio.

Somente a partir de 1975, a UNESCO amplia a noção de patrimônio abrangendo três categorias de elementos: a natureza, estendendo-se ao meio ambiente, os ecossistemas e a vivência humana em suas relações com os recursos hídricos, o ar, vegetação, rochas, sedimentos; o segundo

abrange as técnicas, o saber e o saber fazer, os elementos não tangíveis do patrimônio cultural, e o terceiro refere o conjunto dos bens culturais, decorrente das relações e transformações da natureza pelo ser humano, objetos, artefatos, construções, alimentos, habitação, energias, meios de transporte utilitários, madeira, fibra, cerâmica, rochas.

No Brasil, no que diz respeito ao segundo item, o das técnicas, o Ministério da Cultura, ao qual é subordinado o IPHAN, instituto que sucedeu o SPHAN, regulamentou o patrimônio não-material. A descontextualização dos objetos provocou um congelamento do processo cultural, reforçando a idéia equivocada do antagonismo entre tradição e progresso, associando os museus a um depositário de coisas ultrapassadas,

dissociando ainda mais o tempo presente, passado e futuro; na integração entre museus de arte e dos regionalistas ainda mais segmentados entre cultura popular e folclore. Amaldiçoados por personalidades como Baudelaire, Salvador Dali, Ire e outros, os museus e as bibliotecas foram associados às necrópoles, congelavam a arte, a criatividade, a literatura. Nas décadas de 70 e 80 a América Latina e a Europa promovem a autocrítica e a reflexão sobre a reforma

dos museus, Nasce no conceito de interdisciplinaridade.

Mas, afinal, de que tratam os museus? Da natureza, da vida, dos seres, das idéias, das crenças, dos objetos, das imaginações, das criações, dos conhecimentos, das tradições, das paixões, das tensões, das incertezas, do acaso, da cultura, dos documentos, dos monumentos. Quando se fala do direito humano a uma boa qualidade de vida, temos de pensar que também é do direito humano desfrutar do passado, manter e preservar a cultura. Preservar é guardar para amanhã informações ligadas a relações entre elementos culturais que não têm garantias de permanência. Recuperar, por outro, está na proposta do escritor Mário de Andrade (1936), mantida na Constituição Federal: "o poder público, com colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação".

* É professora da UFRN e vice-diretora do Museu Câmara Cascudo

ARTIGO ISAURA ROSADO *

O livro de Trícia e o Museu Potiguar

Arquivo/DN



Quando Trícia, minha filha, ainda adolescente, recebeu de presente a primeira rosa do primeiro namorado, a espiei, naquela oportunidade, pressurosa, colocando a flor num vaso d'água. Depois, vendo-a murchar, a guardou com carinho entre as páginas do livro preferido, revendo-a, ao longo da vida, muitas vezes. Seguiu colecionando coisas queridas. Guardou mais flores, também fitas, folhas, mechas de cabelo, cartas, cartões postais de terras que palmilhou. Cuidava, e ainda cuida, das lembranças que a faziam - e a farão, sempre - voltar ao passado para rever a identidade de várias épocas e de distintos momentos da sua vida. Elementos importantes na construção pessoal e da sua cidadania. Esse exercício tão nosso, de todos nós, seres inteligentes, de colher e guardar lembranças, fragmentos, documentos, coisas várias, está na raiz da formação de arquivos e museus, estou certa!

Uma definição clássica para "museu" (templo das Musas, divindades que inspiravam as artes) diz que "é uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento e aberto ao público". Diz também que adquire, conserva, pesquisa e exibe para estudo, informação, educação e apreciação, evidências materiais dos povos e do seu ambiente.

Particular, privado ou público? É esta uma questão que, na nossa sociedade, se coloca entre os labirintos da burocracia e da vontade política. Suprir materialmente necessidades mais prementes da vida do cidadão comum, forçosamente se sobrepõem às coisas do espírito, da cultura, do desenvolvimento da sensibilidade.

de. As OSIPES e Sociedades Amigos do Museu se apresentam.

Museu estático e expositivo ou dinâmico e vivo? A meu ver, capaz de dialogar de modo criativo. Capaz de interagir com o público sobre suas funções. Principalmente no que diz respeito à educação e ao resgate da memória histórica. Estes dois eixos - estático e dinâmico - são, mais das vezes, conflitantes.

Antigos e novos museus? Hoje em dia, os museus enveredam, predominantemente, pelas tipologias da arte contemporânea, da antropologia e das ciências. Entre nós - uma novidade! -, o Museu da Língua Portuguesa em São Paulo.

E o novo museu? Carece, estou certa, de reordenamento do seu papel e nas suas funções. Passa pela restauração dos edifícios. Busca-se uma nova feição expográfica. Nesse plano, algumas questões sobressaem: como criar e implementar novas formas de atuação dos museus? Quais são as mudanças necessárias para que permaneçam como importantes, a exposição e a conservação e se compreenda o museu como célula dinâmica? Teremos, agora, de pensar no desenho de uma instituição preocupada não mais - e somente - com a coleção e a conservação, mas, sobretudo voltada para interagir com o público.

Permanente ou temporária, a obra de arte? O equilíbrio entre a conservação e a exposição se vê ameaçado pela própria dinâmica da produção artística que rompe o paradigma da contemplação e solicita a intervenção, a participação, a interação. A efemeridade, a intangibilidade, a performance, as que utilizam suportes efêmeros aquelas manifestações artísticas que têm um fim programado. E os trabalhos digitais? E as instalações? como se tornam, como se tornarão "peças" de museus?

Essa é uma conversa teórica. Temos que passear pelos livros, pelos novos conceitos, pela discussão que se estabelece pelo mundo e, célere, aporta por aqui.

E O MUSEU POTIGUAR ?

Está em processo de reconstrução.

Falando dos pertencentes ao Governo: conseguimos restaurar quatro:

A Fortaleza dos Reis Magos, em Natal.

O Memorial Monsenhor Expedito, em São Paulo do Potengi.

O Museu Capitão Antas, em Pedro Avelino;

O Palácio Potengi - Pinacoteca (em obras);

A governadora determinou, e nos vamos cumprir. Vamos instalar um novo museu, a Estação Central de Apoio a Cultura Popular localizado nas Rocas, com investimento em torno de R\$. 700.000,00. Tem concepção moderna e multifacetada. Ali, onde funcionou a administração de trens e a Escola José Moacir de Albuquerque. Arquitetura de 1906. Restaurantes tradicionais, lo-

ja do artista, auditório, museu de cultura popular, centro de documentação da arte potiguar, birô com computadores e internete à disposição das associações de cultura popular.

Pela primeira vez em toda sua existência, os museus tiveram projetos específicos aprovados a nível nacional.

Com a captação de recursos de cerca de 200 mil reais junto ao MINC e contrapartida do Estado, nossos museus vão ganhar: computadores, impressoras, fax, máquinas fotográficas, filmadoras, equipamentos de plotagem e telefones;

Aprovamos junto a Unesco/Monumenta recursos de R\$. 180.000,00 (contrapartida do Estado de 50 %) para a organização de inventários e banco de dados; e

Vamos inventariar: o patrimônio arquitetônico, os bens móveis, o patrimônio sacro, todo o acervo museológico, de artes plásticas e iniciar uma discussão sobre o patrimônio imaterial.

Cuidamos e temos prontos, projetos de ambientação (Lorena) e museográfico (Ana Miranda) para a Fortaleza dos Reis Magos;

Discutimos, em 2005, em dois seminários, as glórias e as agruras do museu potiguar.

Relemos no Bom dia Café, Bom dia Pe João Maria e no Seminário 1935 setenta anos depois, perfis e fatos históricos controvertidos, ampliando a documentação do CEDOC.

Resgatamos mais de 200 entrevistas gravadas nos anos 70 com depoimentos preciosos de intelectuais e produtores culturais. Nomes nacionais e locais.

Reativamos o Sistema Estadual de Museus.

Vamos cadastrar e inventariar todos os museus do Estado.

Passamos a integrar o Sistema Brasileiro de Museus.

Em 2005 e em 2006, os museus do Estado participaram da programação de celebração da Semana Nacional do Museu (Isaura coordenadora do CEDOC).

O Catálogo das Obras de Arte pertencentes ao Governo do RN esta pronto;

Já temos uma museóloga respondendo pela Fortaleza dos Reis Magos;

Estamos convidando outra para o Museu de Arte Sacra e Café Filho;

Estamos trazendo "sangue novo", com formação técnica na área, para integrar a equipe do CEDOC - Centro de Documentação Cultural "Eloy de Souza";

Iniciamos uma série de cursos de capacitação nas áreas de elaboração de projetos, conservação, organização de acervos e expografia;

* Isaura Amélia de Sousa Rosado Maia é Diretora-Geral da Fundação José Augusto